



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**O impacto da pandemia pela COVID-19 nos  
Adolescentes e Jovens: revisão crítica da literatura**

Marta Assis Loureiro

Orientador de Dissertação:  
Professor Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas

Professor de Seminário de Dissertação:  
Professor Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia Comunitária

2020

Dissertação de Mestrado realizado sob a orientação do Sr. Prof. Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas, apresentada no ISPA – Instituto Universitário, para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Comunitária.

## **Agradecimentos**

A todas as pessoas que me acompanharam, que me incentivaram e estiveram presentes, ao longo deste último ano tão intenso, que fizeram parte deste meu processo em particular, cheio de desafios, experiências e momentos tão singulares, mas também que fizeram toda a diferença para mim.

Ao Senhor Professor Doutor José Henrique Ornelas, pela disponibilidade ao longo da elaboração deste trabalho. Sou grata pela confiança incentivada, pela orientação e pelas palavras assertivas.

Um grande Obrigada às minhas amigas e colegas de curso – Vanda, Amália e Raquel - por partilharem comigo este trajeto que aqui culmina, com a certeza de que me acompanharão em projetos futuros que se sucederão. Somos Resistentes!

## **Lista de Siglas e Acrónimos**

AACPA - Academia Americana de Psiquiatria da Infância e Adolescência

APA – Associação Americana de Psicologia

BMGF - Fundação Bill & Melinda Gates

COVID-19 – Doença do Coronavírus de 2019 (SARS-CoV-2)

DG-EAC – Direção Geral da Educação, Juventude, Desporto e Cultura da Comissão Europeia

EUROSTAT – Serviço de Estatística da União Europeia

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional

FNAJ – Federação Nacional das Associações Juvenis

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPDJ - Instituto Português do Desporto e Juventude

LGBT - Lésbicas, gays, bissexuais e transgénero ou outras identidades sexuais e de género não normativas

NEET - Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação profissional

ODS - Objetivo de Desenvolvimento Sustentável

OIT - Organização Internacional do Trabalho

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

OPP - Ordem dos Psicólogos Portugueses

OPSS - Observatório Português dos Sistemas de Saúde

RNAVVD - Rede Nacional de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNODC – Gabinete de Drogas e Crime das Nações Unidas

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

## Índice

Agradecimentos .....	I
Lista de Siglas e Acrónimos .....	II
Índice .....	III
Resumo .....	IV
Abstract .....	V
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>1. Enquadramento Teórico.....</b>	<b>4</b>
1.1. Juventude: o outro nome do nosso futuro.....	4
1.2. Os desafios pré-pandemia: as respostas existentes .....	5
1.3. Desafios na Educação e no Emprego .....	6
1.4. Desafios nas Questões Sociais e Participação Comunitária .....	9
1.5. Desafios na Saúde Mental .....	11
<b>2. Método .....</b>	<b>15</b>
2.1. Fontes de informação e estratégia de pesquisa .....	15
2.2. Critérios de elegibilidade .....	16
<b>3. Resultados .....</b>	<b>17</b>
3.1. Caracterização dos artigos .....	17
<b>4. Discussão .....</b>	<b>18</b>
4.1. O impacto pela pandemia COVID-19 na juventude: possíveis (re)soluções .....	18
4.2. Desafios para a Educação e para o Emprego .....	20
4.3. Desafios para as Questões Sociais e Participação Comunitária .....	26
4.4. Desafios para a Saúde Mental .....	36
4.5. O impacto da pandemia pela COVID-19: uma análise transversal .....	40
<b>5. Conclusões .....</b>	<b>46</b>
5.1. Limitações .....	46
5.2. Estudos Futuros – quais os próximos desafios? .....	46
<b>Referências .....</b>	<b>50</b>
<b>Referências da revisão de literatura .....</b>	<b>54</b>
Anexos – Lista de quadros de relatórios .....	60

## **Resumo**

O presente estudo tem por objetivo apresentar uma revisão crítica da literatura, sobre o impacto e os efeitos da pandemia causada pela COVID-19, junto de adolescentes e jovens, quer a nível nacional como internacional.

Com o intuito de sumarizar os seus principais resultados e servir de base para investigações futuras foi, primeiramente, realizada uma análise das palavras-chave consideradas relevantes para o estudo, considerando alguns desafios pré-pandémicos já existentes, agrupados em três categorias distintas: educação e emprego, questões sociais e participação comunitária, e saúde mental.

Cumprindo com o objetivo proposto, foram selecionados e analisados 46 artigos e relatórios com base nas mesmas três categorias atribuídas, entre abril e novembro de 2020, onde se pretendeu conhecer e explorar quais os aspetos e fatores mais impactantes e desafiantes que esta pandemia está a causar nas vidas dos adolescentes e jovens.

Destaca-se a relevância desta temática para a compreensão e preparação das comunidades em geral, com particular enfoque para os profissionais das áreas da educação, do apoio psicossocial e da saúde, dado tratar-se de um fenómeno mundial sem precedentes na história moderna, com contornos multifacetados e complexos, mas de enorme importância para uma maior compreensão do desenvolvimento e dos papéis interventivos dos adolescentes e dos jovens, no mundo atual.

**Palavras-chave:** COVID-19; adolescentes/jovens; educação; emprego; questões sociais; participação comunitária; saúde mental.

## **Abstract**

This study aims to present a critical review of the literature on the impact and effects of the pandemic, caused by COVID-19, among adolescents and youth, both nationally and internationally.

In order to summarize its main findings and serve as a basis for future research, an analysis of key words considered relevant to the study was first conducted, considering some existing pre-pandemic challenges, grouped into three distinct categories: education and employment, social issues and community participation, and mental health.

In keeping with the proposed objective, 46 articles and reports were selected and analyzed based on the same three categories assigned, between april and november 2020, where it was intended to know and explore which aspects and factors are more impacting and challenging that this pandemic is causing in the lives of adolescents and young people.

The relevance of this theme is highlighted for the understanding and preparation of communities in general, with particular focus on professionals in the areas of education, psychosocial support and health, since this is a world unprecedented phenomenon in modern history, with multifaceted and complex outlines, but of enormous importance for a greater understanding of the development and intervening roles of adolescents and youth in today's world.

**Keywords:** COVID-19; adolescents/youth; education; employment; social issues; community participation; mental health;

## Introdução

Em finais de 2019, foi identificado e detetado pela primeira vez em humanos, um novo vírus chamado SARS-CoV-2, que significa “síndrome respiratória aguda grave – coronavírus 2”, na cidade de Wuhan, na China. Subitamente este vírus caracterizou-se como um dos maiores problemas de saúde pública internacional do último século, atingindo praticamente todo o planeta, devido à sua extraordinária facilidade de propagação (WHO, 2020a, 2020b). Todavia, a falta de conhecimento e de preparação de toda a comunidade médico-científica para lidar com este novo vírus, levou a que o número de contágios disparasse a nível global, conduzindo a Organização Mundial de Saúde a elevar a doença provocada pelo SARS-CoV-2 ao *status* de pandemia pela COVID-19, a 11 de março de 2020 (WHO, 2020a).

Sociedades e populações de todo o mundo enfrentam, atualmente, desafios intensos e sem precedentes que afetam todos os aspetos essenciais das populações, com graves alterações psicossociais, económicas e humanitárias. O desenvolvimento desta pandemia por este vírus tornou-se numa grave crise de saúde pública, de escala global, e que ainda não está sob controlo levando-nos a todos, sem exceção, à necessidade de quarentena, confinamento e de distanciamento social, como formas de mitigação do contágio pela COVID-19. Esta crise tem provocado e impactado transversalmente todas as comunidades a nível internacional, causando mudanças bastante abruptas e muito rigorosas nas nossas vidas, sobretudo pela imposição da necessidade de isolamento social, com graves efeitos a nível pessoal, psicológico, profissional, social e familiar, num horizonte temporal ainda muito pouco definido (Duan & Zhu, 2020; Orben, Tomova & Blakemore, 2020).

Mas o facto é que esta pandemia tem-nos exposto perante uma variedade de fontes de *stress*, com diversas implicações no bem-estar e equilíbrio de cada um de nós, conseqüentes da intrusão deste inesperado agente virológico, conduzindo-nos à urgente necessidade de adaptação a esta súbita e nova realidade, também designada por muitos como “novo normal”. Sociedades de todo o mundo declararam “guerra” à pandemia, dedicando máxima prioridade a todas as conseqüências psicossociais e económicas derivadas por esta doença, unindo esforços nacionais e internacionais na elaboração de políticas e investigações diversas no combate a este flagelo (Bavel et al., 2020; Kupferschmidt & Cohen, 2020).

Uma grande interrogativa que nos assaltou com esta pandemia, prendeu-se com os adolescentes e com os jovens de hoje: como estão a responder e a lidar com este desafio? De que forma esta pandemia pela COVID-19 está a ter impacto nas suas vidas, e no seu futuro?

No presente trabalho, os termos “adolescentes” e “jovens” são utilizados diferenciadamente

(WHO,1986): por adolescentes são considerados os menores com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, ou seja, indivíduos que nasceram entre 2001 e 2005 e que se encontram atualmente na adolescência; por jovens, entendam-se todos os nascidos entre 1996 até 2000, ou seja, os indivíduos com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos à data de hoje. E todos eles estão a experienciar esta crise global.

Estamos, assim, perante um extraordinário momento para a investigação em vários domínios científicos, entre os quais a Psicologia, e para a produção de todo um conjunto de estudos e pesquisas sobre o impacto da COVID-19 no mundo e nas populações, porque “se por um lado, é através da acumulação de conhecimento que a ciência avança, por outro, esse conhecimento deve ser integrado no sentido de informar a investigação, a prática e os decisores políticos” (Camilo & Garrido, 2019, p.535), a fim de se compreender e aprender novos rumos, a partir destas inúmeras transformações e limitações, geradas por esta emergência de saúde pública.

Deste modo, a descoberta e a exploração das dimensões que mais impacto e alterações têm provocado na geração destes adolescentes e jovens, apresentam-se imprescindíveis para entender e reposicionar os conhecimentos e revelações já alcançadas sobre este tema, desde Abri até final de novembro de 2020 mas, igualmente, potenciar a continuação de novas descobertas e medidas de promoção de bem-estar e ajustamento a todos os níveis, salvaguardando futuras situações congêneres. Note-se que esta dissertação foi redigida entre a primeira e a segunda vaga pela COVID-19, sentida em Portugal e por toda a Europa (Middleton et al, 2020), que compreendeu os períodos entre abril e junho e outubro a dezembro, respetivamente.

O presente estudo de investigação tem por objetivo apresentar uma revisão crítica da literatura onde identificámos 5 grandes áreas, distribuídas por 5 das palavras-chave que constituem este trabalho, que agrupámos em 3 categorias que considerámos cruciais para estas gerações, apresentando os principais desafios de cada uma destas. São elas: a educação e emprego, as questões sociais e a participação comunitária, e a saúde mental.

No que diz respeito à estrutura, este trabalho encontra-se dividido em 3 partes: a primeira parte diz respeito a um enquadramento teórico sobre a juventude perante as categorias referidas, no período pré-pandémico. A segunda parte diz respeito ao método utilizado - revisão de literatura - e os seus respetivos resultados, onde apresentámos uma seleção de 46 estudos, artigos e relatórios que expusessem os aspetos mais prometedores e negligenciados dos adolescentes e dos jovens, perante e durante as duas primeiras vagas da pandemia pela COVID-19 (ops. cit.); segue-se a discussão dos estudos selecionados, para cada uma das 3 categorias, e uma análise transversal sobre as mesmas. Este trabalho termina, na terceira parte, com as conclusões e com

sugestões de estudos futuros sob estas categorias temáticas.

Dada a rápida evolução da situação relativa à COVID-19, são muitos os estudos e projetos de investigação que se encontram atualmente em curso. Assim, apresentaremos o que cremos serem as mais recentes investigações nestes campos que, por um lado, confirmam algumas práticas e políticas já obsoletas que insistem em persistir no tempo, em contrapartida com novos conceitos e recomendações que poderão ser importantes para outros atores e autores, que queiram prosseguir com as pesquisas sobre o real impacto desta pandemia, no presente destas gerações, que são o futuro do nosso mundo.

## 1. Enquadramento Teórico

### 1.1 Juventude: o outro nome do futuro

Definir quem é um adolescente ou um jovem, revela-se uma difícil e complexa tarefa pois cada indivíduo está sujeito a diferentes etapas de desenvolvimento e de vivências, consoante a sua maturidade física, emocional e cognitiva, influenciada por fatores biológicos, genéticos, psicológicos e socioculturais, mas que dificilmente traduzem a dimensão da passagem da infância para a idade adulta, no desenvolvimento do ser humano.

O início e o fim da juventude sofrem variações culturais de nação para nação, bem como entre culturas e legislações, pelo que a dificuldade em determinar estes conceitos provém do facto de que os Adolescentes e os Jovens são duas transições consequentes e, por vezes, coincidentes, no qual a idade não é o único elemento que define a passagem à fase seguinte. Contudo, parece evidente que a idade é um fator determinante para delimitar os conceitos e construir os indicadores estatísticos que permitam quantificar e analisar os grupos populacionais, bem como alcançar a comparação internacional pretendida (Carrilho, 2015).

Assim, a comunidade científica adotou a definição de Adolescência da OMS (WHO,1986) que define que os limites cronológicos da adolescência situam-se entre os 10 e os 19 anos de idade, ou seja, a “segunda década de vida”. Podemos, ainda, dividi-la em duas etapas: uma “primeira adolescência”, que decorre entre os 10 e os 14 anos e uma “segunda adolescência”, que sucede entre os 15 e os 19 anos. Define, ainda, a Juventude (*youth*) entre os 15 e os 24 anos, critério usado principalmente para fins estatísticos e políticos, mas também usa o termo de jovens adultos (*young adults*) para englobar a faixa etária dos 20 aos 24 anos de idade, embora deixe em aberto a possibilidade de diferentes nações definirem o termo de outra maneira.

Em Portugal e na legislação Portuguesa, não existe uma clara definição para jovem, por “ser um termo que com frequência se confunde, em relatórios e instrumentos estratégicos, com o próprio conceito de criança ou é utilizado para abarcar o conjunto de crianças e adolescentes e que se estende, normalmente, à população adulta mais nova” (Carrilho, 2015, p.55).

Assim, e para o presente trabalho, iremos adotar as definições anteriormente defendidas pela OMS (WHO, 1986) como seguem:

- Juventude – composta por adolescentes e jovens;
- Adolescente (pertencentes à “segunda adolescência”) - indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos;
- Jovem - indivíduos com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos.

Mas nem sempre a juventude tem sido lembrada e integrada nos temas que lhes dizem diretamente respeito, sendo esquecida ou não integrada como sucedeu, por exemplo, na agenda de desenvolvimento que culminou nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, em 2000. A vulnerabilidade a que inúmeros adolescentes e jovens (com particular referência às adolescentes e às jovens) de todo o mundo se encontravam, e ainda se encontram, sujeitos e sujeitas, precisa de ser enfrentada pois destes depende o sucesso de qualquer agenda de desenvolvimento, presente e futura.

A juventude é capaz de conduzir a sua energia, a sua criatividade e dinamismo, tornando-as em desígnios em todas as frentes da intervenção humana, sobretudo porque o respeito pelos princípios dos direitos humanos, pela igualdade e pela sustentabilidade não podem ser postos em prática sem a sua participação e envolvimento. Atualmente existem cerca de 1.3 bilhões de indivíduos com idades entre os 15-24 anos, seguramente a maior população jovem da história (ILO, 2020) que terá um efeito profundo em todos os aspetos do nosso futuro comum, podendo criar um mundo melhor para todos/as, pelo que a qualidade da intervenção da nossa juventude será determinada pelo investimento que para ela direcionarmos (Guebuza, 2011).

## **1.2. Os desafios pré-pandemia: as respostas existentes**

O atual conceito da juventude tem sido sucessivamente estendido no tempo, em virtude da entrada na vida adulta fazer-se cada vez mais tarde, devido a uma variedade de alterações demográficas, para além de que os marcadores sociais tradicionais destas gerações já não são os mesmos dos seus pais, e ainda menos os dos seus avós, a começar pela longevidade e qualidade de vida. Começa com o alargamento da escolaridade obrigatória, graças à democratização do ensino ou do prolongamento dos estudos até mais tarde, para além das exigências crescentes de desenvolvimento tecnológico e digital, de uma maior diferenciação e dificuldades no acesso ao mercado de trabalho, pela procrastinação do casamento, parentalidade ou acesso à habitação própria, todos estes elementos contribuem para a manutenção da dependência económica dos pais e promovem o prolongamento do período da juventude.

Mas a juventude têm sofrido algumas alterações ao longo da história, quer quanto à localização dos indivíduos no seio dos grupos, como em relação às suas normas de condutas, devido a fenómenos demográficos e de globalização que influenciam o seu comportamento, de acordo com especiais particularidades em função das épocas em que vivem, do ambiente

cultural, social, económico e familiar a que estão expostos, em virtude de cada geração ser sempre confrontada com os problemas próprios do seu tempo.

E o tempo atual é, de facto, excepcional. Segundo um antigo provérbio africano “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”; hoje, é necessária toda uma sociedade para educar um adolescente.

Abordamos, em seguida, três grandes e desafiantes dimensões que fazem parte da vida dos adolescentes e dos jovens: a educação e o emprego, as questões sociais e participação comunitária, e a saúde mental.

### **1.3. Desafios na Educação e no Emprego**

Até 2030, estima-se que mais de 825 milhões de crianças e adolescentes não irão adquirir as competências básicas de nível secundário - como competências profissionais transversais, digitais e específicas - necessárias para apoiar a aprendizagem ao longo da vida e o emprego (BMGF, 2020; OECD, 2020a). Mesmo antes da pandemia pela COVID-19, mais de 200 milhões de adolescentes em todo o mundo não estavam na escola, muitos porque foram forçados a abandonar para ajudar a cuidar e a sustentar as suas famílias, outros porque foram excluídos dos acessos a necessidades básicas como saúde, nutrição, protecção, água e saneamento, devido a conflitos nos seus países e/ou a catástrofes naturais. A isto, acresce que cerca de 617 milhões de crianças e adolescentes não conseguem atingir níveis mínimos de competências de leitura e de matemática, embora dois terços destes frequentem a escola (BMGF, 2020; OECD, 2020a). Estamos, assim, perante uma grave crise de aprendizagem, que se apresenta como o maior desafio à escala global de preparação dos adolescentes de hoje, para o presente e futuro mercado de trabalho.

No entanto, a transição da escola para o mundo do trabalho continua a ser um processo difícil para os jovens, dificuldade esta que aumenta se considerarmos o género ou a região em que os mesmos se encontram. Segundo o relatório "Tendências mundiais do emprego jovem 2020" da OIT (ILO, 2020a), temos o maior número conhecido de adolescentes e jovens até hoje: 1.300 milhões de jovens (entre os 15 e os 24 anos). Porém, 267 milhões são NEET e dois terços destes (181 milhões) são mulheres, sendo que as raparigas apresentam mais do dobro da probabilidade de serem jovens NEET, segundo os dados deste documento, e a previsão é que este número continue a aumentar, até alcançar os 273 milhões em 2021 (ops. cit.).

Possivelmente precisamos de ser confrontados com estas realidades estatísticas, para termos uma melhor noção do que já se está efetivamente a passar no mundo da educação e no mercado de trabalho. Oportunidades de escolarização perdidas podem resultar em progressos económicos bastante limitados para determinados indivíduos, orientando-os para trajetórias de vida que poderão ser mais difíceis de se modificarem mais tarde (Baron & Salzer, 2002, cit. por Biebel, Mizrahi, & Ringeisen, 2018) mas com impacto em toda uma sociedade.

Apesar dos contrastes entre países mais desenvolvidos e países com maiores dificuldades, atualmente os jovens têm acesso a licenciaturas, mestrados e doutoramentos com muito mais facilidade que os seus pais, assim como estão a ser preparados para criarem o seu posto de trabalho e a declinarem os “tradicionalis” empregos, precários e por conta de outrem, mas tudo isto colabora para que adiem outros projetos de vida. Perante estes cenários, o acesso à idade adulta como “um processo de inserção profissional, familiar e social, que se inicia com o fim da escolaridade, podendo considerar-se como finalizado após a obtenção de um emprego estável e com o casamento” (Matos et al., 2017, p.26) ficam bastante comprometidos. É que, um pouco por todo o mundo, incluindo Portugal, continua a existir a preocupação em compreender quais as aspirações escolares e profissionais da juventude, após completar o ensino obrigatório. Curiosamente, o investimento na educação, sobretudo na obtenção de diplomas de ensino superior representa, cada vez mais, “correr riscos” pois não só não assegura o acesso ao emprego como também aumenta a precariedade laboral, devido à crescente dificuldade em encontrar empregos enquadrados na área da formação académica obtida, como evidência da progressiva desclassificação dos jovens diplomados, particularmente no exercício do primeiro emprego. É o que o mesmo relatório da OIT explica (ILO, 2020a), ou seja, apesar dos jovens que concluem os estudos de nível superior correrem menos riscos de verem o seu posto de trabalho substituído, pelo efeito da automatização por exemplo, não deixam de enfrentar outros desafios, dado que a oferta deste tipo de mão-de-obra é superior à procura, o que leva a uma baixa do valor salarial para os jovens com formação superior.

Tal reporta para a questão do equilíbrio entre a oferta formativa, oportunidades e exigências ao nível laboral, o que contribui para que “as questões ligadas ao percurso educacional dos indivíduos, à já referida experiência profissional e redes sociais às quais os mesmos têm acesso, apresentam-se como fundamentais para o sucesso deste processo. Os recursos aos quais os jovens têm acesso, bem como as suas trajetórias e posturas individuais têm que ser tidas, inquestionavelmente, em conta, sob pena da transição se reter em questões puramente institucionais e formais, que em nada se aproximam do enquadramento social atual” (Sousa, 2017, p. 86).

Importa lembrar que a juventude de hoje já nasceu e cresceu rodeada de tecnologia e utilizam-na ativamente, recriando formas de comunicação, de educação e de lazer, conectando-se ao mundo com a ponta dos dedos. Vivem numa cultura aberta e em rede, tendo mudado os espaços e as relações com o mundo, com os objetos, bem como as suas formas de pensar, de aprender e de construir a sua realidade. A evolução do conhecimento científico e tecnológico acarreta um inúmero conjunto de mudanças e de transformações a nível social, nomeadamente no campo educacional, pelo que as TIC e os dispositivos digitais vieram para ficar, estando cada vez mais integrados nos nossos quotidianos, com tudo o que isso implica e representa nas nossas vidas. Sem darmos conta, entrámos num período de transição dos tradicionais modelos de aprendizagem escolares e académicos vigentes, em formatos de livros e cadernos, para a utilização de documentos em formatos *word* ou *powerpoints*, e ainda para plataformas *online* interativas tais como o *Zoom* ou *Teams* ou outras que sirvam os mesmos propósitos, ou seja, a transmissão e aquisição de novos conhecimentos e matérias. Estas modalidades revelam-se importantes, pois proporcionam o desenvolvimento de competências de literacia digital e a promoção de novas oportunidades de aprendizagem.

As utilizações das tecnologias educacionais, com recurso às TIC, apresentam-se como uma vantagem no processo de ensino-aprendizagem, graças à sua componente interativa, bem como pela possibilidade de integração de diferentes recursos e pela fácil adaptação a vários estilos de aprendizagem. As tecnologias estimulam a autonomia e a participação dos estudantes, motivando-os a estabelecerem trocas de informações e conhecimentos, quer entre pares como entre alunos e professores/formadores (Kim, Park & Shin, 2016, cit. por Silva et al., 2019). Desta forma, os alunos podem ser os principais agentes responsáveis pela construção dos seus conhecimentos e a deterem um papel mais ativo na procura de soluções para as suas necessidades de aprendizagem (Roney et al., 2017, cit. por Silva et al. 2019), de forma mais dinâmica, que privilegie a autonomia intelectual e estimule o pensamento ativo e crítico (Loureiro, 2020).

Acresce mais esta responsabilidade para todos os agentes e entidades educativas: serem os facilitadores, mentores e guardiões desta evolução, o que implica adotarem condutas e perícias digitalmente cada vez mais qualificadas, conscientes e versáteis, que possam ir ao encontro das necessidades destas gerações, agora e doravante. Temáticas como a tecnologia, migração, alterações climáticas e conflitos estão a remodelar as sociedades e o mundo, obrigando a que todos nos adaptemos a mudanças inesperadas nas nossas suas vidas e no nosso trabalho. E os adolescentes são capazes de agarrar estas oportunidades e de enfrentarem estes desafios, mas precisam de educação e de competências adequadas, para darem continuidade às suas

aprendizagens ao longo da vida, para assegurarem trabalhos produtivos, para tomarem decisões informadas e para se envolverem positivamente nas suas comunidades, também sobre e nestas temáticas.

#### **1.4. Desafios nas Questões Sociais e Participação Comunitária**

Como vimos anteriormente, a juventude apresenta o maior número conhecido até então. Mas são demasiados os que não estão a obter o que necessitam para garantirem os seus direitos. Pobreza e privação, desigualdade de género e outras formas de discriminação cruzam-se com as alterações climáticas, convulsões económicas, conflitos e deslocações, que ameaçam o bem-estar dos adolescentes e dos jovens. E através de tudo isto, a juventude é continuamente ignorada pelos decisores políticos, ou pior, é vista como um potencial problema ou ameaça.

A ambição de promover a participação dos mais jovens na vida social e, especificamente, de tomar em consideração as suas perspetivas sobre os domínios que diretamente mais os afetam, tem crescido exponencialmente ao longo das duas últimas décadas (McKechnie, 2002; O’Kane, 2008, cit. por Martinho, 2017) onde a juventude constitui-se, deste modo, como um grupo social específico, resultante de um processo de construção social influenciado pelo contexto económico, histórico, cultural, social e político (Agra, 1986 & Wong, 2008, cit. por Martinho, 2017). É que estas gerações mais novas levam alguns propósitos pessoais e sociais muito a sério, tomando-os como missões de vida, como é o caso da mais jovem ativista galardoada com o Prémio Nobel da Paz, Malala Yousafzai, pela defesa da Educação das mulheres, ou Greta Thunberg, entre outros modelos inspiradores e promissores das mudanças que queremos ver acontecer.

Numa iniciativa conjunta entre a UNICEF e a BMGF convocaram, em Maio de 2019, diversas instituições governamentais e ONG’s internacionais de todo o mundo, para participarem num simpósio sobre programação multisectorial intencional, com o intuito de promoverem a saúde e o bem-estar dos adolescentes na África subsaariana, onde os adolescentes com idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos já representam 23% da população mundial e terão um papel determinante no mundo daqui a década (Efevbera et al., 2020). Os participantes detetaram desafios comuns, a partir das suas próprias experiências mas detetaram, igualmente, desafios ainda mais complicados devido à falta de consenso global sobre a definição de ações e de programas multisectoriais, bem como constataram as complexidades enfrentadas pelos governos na aplicação das normas internacionais dirigidas à juventude, em

termos de saúde e de bem-estar, e de acordo com os seus respetivos contextos.

Deste simpósio, foi recomendada pela UNICEF e BMGF a aprendizagem e a ação em várias áreas, por parte destes intervenientes coletivos internacionais, nomeadamente na união de esforços mais intencionais para criarem capacidade de liderança multisectorial e conseguirem a adesão de todos os sectores, pois estes são fundamentais no reforço da responsabilização pela ação. Finalmente, apoiando todos os esforços para melhorar a qualidade, a eficácia e a equidade dos programas a aplicar, há a necessidade de envolver os adolescentes e os jovens de forma significativa. Isto requer o envolvimento da juventude na conceção, implementação, monitorização e avaliação de programas e políticas multisectoriais que têm impacto nos seus países para que possam, por sua vez, exigir formas mais inovadoras de assegurar tais envolvimento, que incluam a aquisição e o desenvolvimento de competências específicas.

São por estas razões que muitas organizações e movimentos juvenis já estão a criar mudanças sociais, através da promulgação pública de modelos de ação, que envolvem e dão poder ao cidadão comum, pela colaboração multicultural e inter-religiosa, estabelecendo parcerias entre jovens e adultos, que vão mais além das mudanças políticas específicas, com impacto nas instituições e nos indivíduos envolvidos (por exemplo *Girls Too*, *He for She*, *Global Youth Action Network*, *One Youth Ambassadors*, entre tantos outros). Estas operam e produzem manifestações públicas sobre os pontos sociais críticos mais comuns (o género, a raça/etnia, a classe social e a fé) desafiando, assim as perceções públicas sobre a capacidade das pessoas construírem entendimentos partilhados e relações de colaboração, que vão além-fronteiras (Christens & Dolan, 2011). Por entre alguns investimentos importantes, constam os cuidados de saúde sexual e reprodutiva e o empoderamento de mulheres adolescentes e jovens, através da saúde e da educação. A questão que se coloca é se estas mudanças e movimentos são realmente observáveis, a nível mundial.

Hoje, as lutas destas organizações atravessam gerações, géneros, etnias e territórios, não estando mais confinadas às fronteiras nacionais e internacionais, mas atuando em termos “glocais”. São os novos modos de ações coletivas, em tempos digitais de redes globais e de ciberculturas juvenis. Os novos movimentos salientam várias dimensões, sendo as suas principais áreas de protesto as de cariz social, económico, ambiental e cultural, sem esquecer a solidariedade para com os que são marginalizados pela globalização. São causas que se centram na liberdade individual e no reconhecimento de estilos e identidades, aquilo a que Wieviorka (2008, cit. por Fontes, 2017) considera “os movimentos da modernidade pós-industrial – movimentos estudantis, ecológicos, pacifistas, feministas, LGBT, civis, regionalistas, independentistas, entre outros – que incidem sobretudo na subjetividade dos atores, pessoal e

coletiva, constituindo-se um amplo debate em torno da política de identidade” (p.173).

Essencialmente, o que vai prevalecendo é a capacidade de resiliência que a juventude tem pelas suas características, e a solidariedade também é uma delas, embora possa não parecer evidente, pois é importante ajudá-los a desenvolverem projetos altruístas que vão dar sentido ao isolamento e confinamento em que vivem, ou viveram. Fatores de identidade, tais como sexo, género, raça, etnia, deficiência intelectual ou física, e desvantagem socioeconómica, podem exacerbar a vulnerabilidade dos jovens (por exemplo, jovens sem abrigo, NEET’s ou jovens migrantes), seja por causa de uma pandemia ou pelas razões já anteriormente expostas.

É o que defendem os jovens dos *Global Shapers Lisbon* (2020, p.5): “preocupam-nos coisas diversas e temos prioridades diferentes, consoante aquilo a que dedicamos a nossa vida. Estamos disponíveis para dar voz a essas preocupações, a essas prioridades”.

### **1.5. Desafios na Saúde Mental**

A saúde mental, enquanto componente fundamental do bem-estar dos indivíduos e interdependente da saúde física, é influenciada por fatores genéticos, biológicos, sociais e ambientais. As perturbações mentais são a principal causa de incapacidade e a terceira causa em termos de carga da doença, sendo responsáveis por cerca de um terço dos anos de vida saudáveis perdidos, devido a doenças crónicas não transmissíveis (CNS, 2019).

Mas desde o início do século XXI que as perturbações mentais constituem-se como o principal problema de saúde pública na Europa, e um dos principais em todo o mundo, para todos os grupos etários, surgindo frequentemente durante a adolescência e no início da idade adulta. A OMS aponta para que cerca de 20% das crianças e adolescentes, sejam afetados por problemas de saúde mental expressivos antes dos 18 anos de idade (WHO, 2003), visto que cerca de 50% das doenças mentais que se irão manifestar ao longo da vida adulta, têm o seu início na adolescência, onde 70% delas se manifestarão antes dos 24 anos de idade (AACAP,1999, WHO-Europe, 2008, cit. por Goldschmidt, Marques, & Xavier, 2018).

Entre as mais prevalentes, encontram-se as patologias por adição, as perturbações do comportamento alimentar e denotam-se os primeiros sinais de alerta de futuros quadros psicopatológicos graves, e frequentemente crónicos, comprometendo seriamente o processo de aprendizagem dos adolescentes, implicando uma diminuição da qualidade de vida, bem como a necessidade de um aumento de cuidados de saúde. Por outro lado, muitas das dificuldades ao nível da aprendizagem, da atenção e da instabilidade psicomotora, do comportamento, da

indisciplina, da violência autoinfligida ou hétero-dirigida, correspondem a manifestações evidentes de incapacidades e de sofrimento emocional (Goldschmidt, Marques, & Xavier, 2018; CNS, 2019).

De acordo com os dados da OMS (WHO, 2019), o suicídio é a segunda causa de morte na juventude, nos indivíduos com idades entre os 15 e os 29 anos; entre os adolescentes com idades entre os 15 e os 19 anos, o suicídio foi a segunda causa de morte entre as raparigas e a terceira causa de morte entre os rapazes. Os comportamentos auto-lesivos e os atos suicidas apresentam uma forte associação a esta causa, com cerca de 10% dos adolescentes, entre os 15 e os 19 anos de idade, a experienciarem estes comportamentos (Azevedo & Matos, 2014; WHO, 2014, cit. por Goldschmidt, Marques, & Xavier, 2018) pelo menos uma vez ao longo da vida, sendo consistentemente mais comum nas raparigas (Hawton, Saunders & Connor, 2012, cit. por Guerreiro & Sampaio, 2013).

A adolescência é um período em que as transições, as definições e as experiências se tornam particularmente desestabilizadoras, em alguns casos, causando sofrimento psíquico e evidenciando vulnerabilidades acrescidas, sendo frequente ocorrerem oscilações no estado emocional, que envolvem diversos sentimentos de tristeza, apatia, irritabilidade, nervosismo ou revolta, devido à falta de autorregulação emocional porque não se sabe gerir as emoções. Tal conduz à procura de medicação (com e sem prescrição médica) mas também a procurarem no consumo de substâncias psicotrópicas e/ou no álcool, um refúgio ou uma forma de mascarar situações conflituantes internas ou sociais, com expressivos efeitos a nível do sistema nervoso já bem estudados (NIDA-US, 2018, Ross & Peselow, 2012, Armstrong & Costello, 2002, Mueser et al., 2012, cit. in UNODC, 2020). Por outro lado, a necessidade de aceitação pelos pares e de definição da sua identidade, também podem ser fatores determinantes da experimentação (Ribeiro et al., 2017, cit. por Rosa, 2018). Outros fatores devem-se a determinadas condições sociais tais como a pobreza e suas carências crónicas, o crescimento urbano descontrolado e o *stress* associado à vida nas cidades, a ausência de redes de suporte na comunidade e as ruturas familiares, acrescida da rápida transformação tecnológica, todos estes fatores acarretam um maior risco para o desenvolvimento de perturbações, inclusive pelo abuso de substâncias, especialmente pelos adolescentes (Andrews, Ahmed, & Blakemore, 2020; Pereira, 2007; WHO, 2003).

Existem evidências que problemas de relacionamento com os pares, tais como o *bullying* e/ou o *cyberbullying*, rejeição, a intimidação e a solidão, apresentam-se como fatores de risco para o desenvolvimento de perturbações mentais, como a depressão ou ideações suicidas (Sameer & Justin, 2019). A rejeição social está associada a perturbações na regulação das

emoções (McLaughlin, Hatzenbuehler, & Hilt, 2009, cit. por Andrews, Ahmed, & Blakemore, 2020) e é um fator de risco para perturbações de humor nos adolescentes, tais como a depressão e a ansiedade (Beri & Lev-Wiesel, 2012, Slavich et al., 2010, cit. por Andrews, Ahmed, & Blakemore, 2020). Os adolescentes que são diagnosticados com depressão, por exemplo, geralmente já apresentavam sinais de sofrimento desde crianças que, muitas vezes, passavam despercebidos ao olhar dos pais ou de outros adultos. E esta doença é, sem dúvida, uma das mais preocupantes, não apenas pelos números mas pelas suas consequências: atualmente é a terceira causa de doença global (a primeira nos países desenvolvidos), afetando 264 milhões de pessoas em todo o mundo, com um forte reflexo na economia anual, prevendo-se que venha a ser a primeira causa de doença a nível mundial em 2030, com o possível agravamento das taxas correlatas de suicídio e para-suicídio (Azevedo & Matos, 2014).

Inversamente, relações com os pares de “alta qualidade”, aparecem como fatores protetores e reforçam a resiliência dos adolescentes. Mudanças generalizadas no nosso ambiente social, tais como o distanciamento físico forçado e um reduzido contacto social presencial com os amigos e familiares, podem ter um efeito comprometedor substancial no cérebro e no desenvolvimento do comportamento durante a adolescência. Contudo, no mundo em que vivemos, são muitos os adolescentes e os jovens que criam cada vez menos oportunidades para se relacionarem presencialmente com os seus pares, preferindo este contacto através das suas redes sociais colocando em risco, sem darem conta, as suas reais necessidades sociais num momento crucial do desenvolvimento do seu cérebro social (Andrews, Ahmed, & Blakemore, 2020).

Os dados previamente apresentados puderam ser confirmados no estudo realizado por Matos et al. (2017) com 2991 jovens universitários portugueses: com uma média de idades de 22 anos, a dificuldade da gestão da ansiedade/*stress* relativamente a determinados acontecimentos, a ausência de expectativas no futuro e a ausência de autorregulação emocional, foram os fatores que mais se evidenciaram (Matos, Gaspar, Cruz, & Neves; 2013; Nogueira, 2016, cit. por Matos et al., 2017). No que se refere aos sintomas psicológicos, a maioria destes jovens universitários referiu sentir-se cansado/exausto (70,9%), irritado (69,7%), nervoso (64,5%) e triste/deprimido (55,8%) mais do que uma vez por semana, e ainda, mais de um terço dos jovens (38,3%) referiu sentir muita pressão com os trabalhos da universidade. Quanto à frequência do consumo de substâncias, durante os últimos trinta dias à data do estudo, dois terços (65,5%) dos jovens refere ter fumado tabaco 10 vezes ou mais, enquanto que mais de um terço dos jovens menciona ter consumido canabinóides 10 vezes ou mais (37,9%) e outros jovens, entre 1 a 2 vezes (38,7%); já o álcool, cerca de metade dos jovens (46,4%) mencionou ter consumido 3 ou 9

vezes, nesse último mês. Posto isto, não é de se estranhar que as faculdades e as universidades estejam a assistir a um aumento dramático do número de estudantes com doenças psiquiátricas, bem como um aumento da gravidade das preocupações com a saúde mental, em contextos de campus universitários (Gruttadaro & Crudo, 2012, cit. por Biebel, Mizrahi, & Ringeisen, 2018).

Assim, e porque a saúde mental está cada vez mais a conquistar o seu merecido lugar de atenção, enquanto uma área prioritária de estudo, há que estimular a promoção da literacia da saúde mental e emocional, e o desenvolvimento e implementação de programas de intervenção nas comunidades mais jovens, com o objetivo de dar a conhecer e/ou melhorar a compreensão das principais perturbações mentais e dos diferentes tipos de *stress* psicológico e desencadeadores destes. Segundo o OPSS (2007), há que empoderar os adolescentes para se envolverem na tomada de decisões sobre a sua própria saúde, a tomarem a iniciativa de procurar ajuda profissional adequada e a desempenharem um papel crucial no seu autocuidado, começando pelos cuidados de saúde física e mental, de forma a prevenir ou minimizar a médio-longo prazo, a probabilidade de incapacidades ou de outras limitações.

Mas para que tal aconteça, implica a existência de conhecimentos e de recursos pessoais, ao nível da autonomia, da capacidade de compreensão e da gestão dos acontecimentos de vida. E tal só poderá acontecer se um conjunto de práticas, fomentados por políticas de saúde mental e pelo fornecimento de serviços comunitários, prevenirem e protegerem um conjunto de princípios dos cuidados em saúde mental. Entre eles incluem-se o diagnóstico, a intervenção precoce, o uso racional de técnicas de tratamento, a continuidade dos cuidados, além de uma maior oferta e diversidade de serviços onde a participação dos utentes, as associações com as famílias, o envolvimento da comunidade local e a integração nos cuidados primários de saúde estejam implicadas (WHO, 2001). Só assim, poderemos atentar para alguns sinais de alerta e promover decisões mais conscientes, levando a uma participação mais ativa nos comportamentos de saúde, quer pessoais como coletivos.

## 2. Método

A abordagem metodológica deste trabalho assentou numa revisão crítica da literatura, o que permitiu a análise de uma ampla diversidade de estudos e artigos, permitindo um contexto interpretativo que não se encontra disponível em outros tipos de investigação (Camilo & Garrido, 2019) sobre o impacto da pandemia pela COVID-19 na juventude de hoje.

### 2.1. Fontes de informação e estratégia de pesquisa

Uma vez que a COVID-19 surge no final de 2019 e a pesquisa pretendia ser direcionada somente para publicações desde o início da pandemia, decretada pela OMS apenas a 11 de março de 2020 (WHO, 2020a), foi estabelecido o espaço temporal de pesquisa durante o período que medeia abril a novembro de 2020.

A pesquisa dos artigos considerados para a presente revisão de literatura, foi efetuada em 8 bases de dados: APA PsycINFO, APA PsycARTICLES, APA PsycBOOKS, APA PsycNET, Pubmed, Psychology and Behavioral Sciences Collection, MEDLINE, Academic Search Complete. Foram também efetuadas pesquisas na Internet, utilizando o motor de busca Google, para ajudar a reduzir o enviesamento de publicações e identificar estudos não publicados em bases de dados selecionadas. Esta revisão da literatura foi complementada por outros artigos, como relatórios institucionais e governamentais. A título de exemplo, entidades como a OMS, ONU e OCDE compilaram diversos centros de recursos nas suas páginas de web institucionais, publicando e divulgando as investigações mais recentes, de forma a assegurar que a informação, sobre a pandemia, fosse a mais credível possível e que pudesse ser facilmente acessível a qualquer um proporcionando, de igual modo, a partilha de dados e a colaboração entre pesquisadores de todo o mundo.

Para tal, foram definidos e pesquisados os seguintes termos, quer em português como em inglês, que incluíam *Covid-19* combinados com: “adolescentes/adolescents”, “juventude/youth”, “jovens/young”, “impacto pandemia/pandemic impact”, “educação/education”, “emprego/employment”, “questões sociais/social issues”, “participação comunitária/community participation” e “saúde mental/mental health”. Foram utilizadas todas as combinações possíveis dos referidos grupos de palavras-chave, recorrendo aos operadores booleanos AND e OR. Para restringir a pesquisa apenas aos artigos e estudos mais relevantes, estes termos foram inseridos nos campos “Title”, “Abstract” ou “Key-Worlds” e apenas

considerámos os textos encontrados em inglês e em português.

Pretendemos “que a informação sobre a estratégia de pesquisa seja explícita o suficiente que permita, no futuro, que outros investigadores independentes conduzam o mesmo estudo de revisão usando os mesmos termos de pesquisa, bases de dados e critérios de seleção, obtendo os mesmos artigos” (Camilo & Garrido, 2019, p. 538).

## **2.2. Critérios de exclusão e de elegibilidade**

Foram selecionados para análise um total de 589 textos com estudos, artigos científicos e relatórios que abordam o impacto da pandemia pela COVID-19 nos adolescentes e nos jovens.

Após análise dos assuntos e temáticas deste levantamento inicial, foram selecionados para a discussão da revisão da literatura um total de 46 estudos, artigos e relatórios, distribuído por entre as 3 categorias temáticas (as mesmas apresentadas no enquadramento teórico deste trabalho) e na sua análise transversal.

Assim, foram excluídos no total 544 artigos, dado abordarem conteúdos relacionados com outros aspetos não elegíveis para o nosso trabalho, nomeadamente: amostras de indivíduos infetados com SARS-CoV-2 (127); indivíduos portadores de doenças crónicas ou de outras patologias clínicas físicas e/ou mentais (178); amostras exclusivamente com crianças, adultos, idosos e/ou profissionais de saúde (96); artigos que não avaliam, mencionam ou relacionam o impacto da pandemia com as categorias temáticas do nosso trabalho (54); artigos que não se encontravam disponíveis na sua totalidade (17); artigos que não foram revistos por pares (35), tendo sido excluídos no total 507 artigos. Foram, ainda, excluídos 37 artigos por se encontrarem duplicados nas pesquisas efetuadas.

### 3. Resultados

Com o intuito de facilitar a visualização dos trabalhos selecionados, os seus resultados foram organizados e apresentados em três quadros de artigos e de relatórios, de acordo com as referidas categorias temáticas eleitas. Cada um dos quadros apresentam-se para a categoria a que pertencem, considerando o mês de publicação, autores, título, fonte, país, tipo de estudo e amostra. Foi, ainda, feita uma análise transversal das categorias propostas, dado que se entrecruzam nos seus diferentes mas, igualmente, complementares campos de conhecimento e de implicações, com o intuito de convergir a diversidade dos desafios nas dimensões retratadas, dada a complexidade do tema.

#### 3.1. Caracterização dos artigos

Dos 46 estudos, artigos e relatórios selecionados para a discussão da revisão da literatura, foram distribuídos 40 por entre as 3 categorias temáticas já referidas e os 5 remanescentes, na análise transversal. Os artigos que reuniram o maior número de resultados em termos de investigações existentes dizem respeito à saúde mental, e ao impacto psicológico sentido pela pandemia da COVID-19, pelo que estes se apresentam em número superior, em detrimento das outras categorias. Alerta-se que 5 artigos e 7 relatórios foram replicados (embora contabilizados somente uma vez), dado que parte dos conteúdos destes apresentavam dados e informações passíveis de análise nas três categorias temáticas.

A categorização dos artigos serão apresentadas nos quadros respetivos de cada categoria, em seguida (e a categorização dos relatórios completos apresentam-se nos anexos):

Quadro **1a** - Categorização dos Artigos (8) quanto ao mês de publicação, autores, título, fonte, país, tipo de estudo e amostra para a dimensão da Educação e Emprego, num total de 17 estudos (p.19); **1b** - Relatórios (9), p. 61;

Quadro **2a** - Categorização dos Artigos (6) quanto ao mês de publicação, autores, título, fonte, país, tipo de estudo e amostra para a dimensão das Questões Sociais e Participação Comunitária, num total de 15 estudos (p. 25); **2b** - Relatórios (10 dos quais 5 são comuns à categoria anterior), p. 62;

Quadro **3a** - Categorização dos Artigos (19, dos quais 5 são comuns às categorias anteriores) quanto ao mês de publicação, autores, título, fonte, país, tipo de estudo e amostra para dimensão Saúde Mental (p.34/35); **3b** - Relatórios (3 todos comuns às categorias anteriores) p. 63.

## 4. Discussão

### 4.1. O impacto pela pandemia COVID-19 na juventude: possíveis (re)soluções

Após a declaração de pandemia pela OMS (WHO, 2020a), o mundo confrontou-se com uma nova realidade, devido à natureza atípica deste vírus, causando profundas alterações e mudanças nas rotinas e vidas de todos nós, até hoje, com particular impacto nas vidas dos adolescentes e dos jovens. Tendo em conta a rapidez que a propagação deste vírus assume, governos em todo o mundo decretaram a urgente necessidade de quarentena e confinamento das suas populações, forçadas pelo distanciamento físico e isolamento social.

Pretendeu-se com estas medidas, de carácter sanitárias, implementar estratégias de controlo de transmissão de doenças e, neste caso em concreto, do coronavírus, a par do isolamento social, considerado essencial para a redução do número de contatos com infetados e dos considerados suscetíveis ao contágio (Tognotti, 2013). Tais medidas implicaram (e ainda implicam) a necessidade de algumas regras restritivas, como o encerramento de estabelecimentos não essenciais ou com limitações horárias bem definidas; fábricas, empresas diversas e escritórios encerrados e a encaminharem a maioria dos seus trabalhadores para teletrabalho ou a recorrem a apoios como o *lay-off*; escolas e universidades passaram a lecionar *online*; restrições e proibições de voos e tantas outras viagens terrestres são decretadas, entre outras regras que já estão (e continuam) a impactar as vidas de todos nós. E assim, o cenário de (mais) uma recessão económica mundial vai ganhando forma, por conta desta revolução pela COVID-19.

Mas estamos em crer que o impacto desta experiência amanhã, vai depender da qualidade das prevenções, correções e investimentos que adotarmos hoje. Por isso é que precisamos dos adolescentes e dos jovens, por serem a geração do futuro e por ser, através destes, “que as sociedades se reproduzem, renovam e se consolidam, como comunidades com comunhão de destino, para enfrentarem os desafios do presente e do futuro” (Guebuza, 2011).

**Quadro 1a) Categorização dos Artigos quanto ao mês de publicação, autores, título, fonte, país, tipo de estudo e amostra para a dimensão da Educação e Emprego**

Nº	Mês	Autor	Título do Artigo	Fonte	País	Análise de Dados	Amostra
1	março	Cao et al.	The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China	Psychiatry Research	China	Qualit	----
2	abril	Viner et al.	School closure and management practices during coronavirus outbreaks including COVID-19: a rapid systematic review	Lancet Child Adolescent Health	Reino Unido	Qualit	----
3	maio	Corbera, Anguelovski, Honey-Rosés, & Ruiz-Mallén	Academia in the Time of COVID-19: Towards an Ethics of Care	Planning Theory & Practice	Espanha	Qualit	----
4	junho	Aucejo et al.	The Impact of COVID-19 on Student Experiences and Expectations: Evidence from a Survey	National Bureau of Economic Research Working	EUA	Quantit	1500 estudantes
5	junho	Zhai & Du	Addressing collegiate mental health amid COVID-19 pandemic	Psychiatry Research	EUA	Qualit	---
6	julho	São João & Galinha	Estudo de Avaliação Global da Assertividade dos estudantes no início do período de confinamento COVID-19	Revista da UIIPS (Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém)	Portugal	Quantit	101 estudantes entre os 19 e os 27 anos
7	agosto	Hasan & Bao	Impact of “e-Learning crack-up” perception on psychological distress among college students during COVID-19 pandemic: A mediating role of “fear of academic year loss”	Children and Youth Services Review	China	Quantit	400 estudantes entre os 15 e os 18 aos
8	outubro	Rudick & Dannels	“Yes, and...” continuing the scholarly conversation about pandemic pedagogy	Communication Education	EUA	Qualit	----

## 4.2. Desafios para a Educação e para o Emprego

Mais do que antes, esta frase faz todo o sentido agora: “Escolas do Passado, Professores do Presente, Alunos do Futuro”, o que nos leva a considerar que devemos pensar sobre como será o ensino e a educação pós-pandemia, deixando para trás o aborrecido e pouco dinâmico sistema escolar nas suas metodologias do século XX.

Graças a diversas tecnologias e a *apps* existentes, tem sido possível combater o isolamento social, aproximando amigos e familiares (como os avós), mas também estas têm-se revelado determinantes para o teletrabalho, facilitando reuniões à distância ou simplesmente dando continuidade às aulas e explicações em curso, sem comprometer as precauções necessárias que os momentos que ainda vivemos nos exigem. “Daí que as tecnologias possam ser uma ferramenta de extrema relevância para o ensino, pois proporcionam o desenvolvimento de competências de literacia digital, reconhecendo a utilização da web como promotora de novas oportunidades de aprendizagem (...) no entanto, precisamos construir mais pontes entre as tecnologias e a educação, visto que o verdadeiro potencial destas ainda não está a ser devidamente utilizado no ensino formal, pelo que a utilização das tecnologias continua a estar mais direcionada para a componente de entretenimento, desvalorizando-se a produção de conteúdos e a sua utilidade pedagógica” (Loureiro, 2020, p.150).

O ensino à distância ou a Telescola, em tempos emergenciais foi, e ainda vai sendo, um excelente recurso e tem sido diariamente testado, pelo que pode vir a tornar-se uma base para futuras mudanças de âmbito socioeducativo. É necessário reorganizar o que se entende como “distância”, especialmente nas questões que envolvem as relações sociais entre educadores/professores e educandos/alunos. O ensino *online* promove um conjunto de competências pessoais e sociais associadas à perceção de suporte social, mesmo em períodos ou fases de isolamento. Perante este cenário, a necessidade de uma nova metodologia de ensino-aprendizagem digital foi adotada por inúmeros países, de entre os quais Portugal, sugerindo que as metodologias de *e-learning* e de *b-learning* possam ser reconstruídas, no sentido de uma identidade educativa mais flexível e ajustada aos tempos atuais (Corbera et al, 2020). Algumas destas ferramentas inovadoras de ensino e aprendizagem, ensaiados e usados como resposta à crise instalada, podem vir a ter um impacto duradouro nos sistemas educativos. Isto significa que as competências pessoais e sociais adaptativas são imprescindíveis e revelam-se úteis na organização de uma nova rotina de trabalho, ou melhorarem as que já existem, cujos espaços de ensino e de aprendizagem integram os seus participantes por meio do uso de tecnologias digitais de interação e inovam as formas de comunicação, em tempos e espaços diversos (Brito

& Dias, 2019; São João & Galinha, 2020). Por exemplo, alguns estudantes universitários podem experimentar menos ansiedade através do ensino à distância, pois este ajuda-os a continuarem a gerir regularmente as suas rotinas académicas (Wang et al., 2020, cit. por Zhai & Du, 2020).

Os confinamentos generalizados e uma série de outras regras de distanciamento social obrigaram escolas e instituições de ensino, de todo o mundo, a fecharem as suas portas o que significou, segundo dados da ONG *Save the Children*<sup>1</sup>, que perto de 1 bilião de crianças e jovens, em todo o mundo, tenham ficado sem escola, conduzindo cerca de 10 milhões destes a não terem para onde regressar após o confinamento, gerando uma emergência educacional global nunca antes vista. Para a OCDE (2020a, 2020c), cada semana de encerramento escolar implica uma perda no desenvolvimento do capital humano, com graves implicações económicas e sociais, a longo prazo. Num estudo realizado por esta organização em 59 países, demonstra que, embora a maioria dos países tenha criado oportunidades de aprendizagem alternativas, apenas cerca de metade dos estudantes conseguiu aceder a todo ou à maior parte do currículo escolar ou universitário. Mas estes encerramentos também tiveram um impacto significativo no bem-estar dos jovens vulneráveis, em particular dos jovens com necessidades educativas especiais (por exemplo, deficientes) e dos que dependem dos serviços de apoio social e emocional, bem como das refeições escolares diárias, prestadas pelas instituições de ensino (OCDE, 2020b; Viner et al, 2020).

Enquanto os alunos com mais posses tiveram acesso a alternativas, como aprendizagens *online* e a recursos ou equipamentos tecnológicos, como o acesso à internet, os mais carenciados não tiveram essa possibilidade, pois os custos financeiros destes meios ainda são bastante inoportáveis para a maioria dos estudantes (Aucejo et al, 2020; Rudick & Dannels, 2020; Adam, Kaye, & Haßler, 2020, cit. por Hasan & Bao, 2020) contribuindo com mais uma adversidade para uma estreita relação entre pobreza e *stress* psicológico (Cao et al., 2020). Atualmente, estima-se que cerca de 25% da população infantojuvenil menos favorecida em todo o mundo, não disponha de um computador doméstico nem tenha acesso à internet (BMGF, 2020; Auxier & Anderson, 2020, cit. por Hasan & Bao, 2020; Huffman, 2018), tornando-os mais penalizados por falta de informação e de acesso a recursos tecnológicos (Wong, Ho, Chen, Gu, & Zeng, 2015, cit. por Hasan & Bao, 2020), e deixando o ODS4 da Agenda 2030<sup>2</sup> da Unesco, de garantir uma educação de qualidade inclusiva e equitativa para

---

<sup>1</sup> <https://www.savethechildren.net/news/almost-10-million-children-may-never-return-school-following-covid-19-lockdown>

<sup>2</sup> <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/os-17-ods/objetivo-de-desenvolvimento-sustentavel-4-educacao-de-qualidade>

todos até final desta década, ainda mais fora do seu alcance, especialmente quando a educação se apresenta como o único destino de fuga da pobreza (Attree, 2006). Exemplo disto é o receio sentido por muitos estudantes em poderem perder o ano académico, desistindo ou suspendendo as suas matrículas (Aucejo et al., 2020) e todo o investimento feito até então, preocupação esta que exponencia muitos estados de ansiedade e de angústia (Hasan, 2020, cit. por Hasan & Bao, 2020; Sintema, 2020;). As universidades devem continuar a desenvolver cursos de ação e mensagens de saúde pública para melhor abordar as questões de saúde mental colegial causadas pelas perturbações da educação e da trajetória profissional.

A progressão social e profissional dos jovens têm vindo a ser abalroada por uma nova crise, desta vez causada por um vírus, que já aniquilou milhares de postos de trabalho por todo o mundo e tantas outras pequenas empresas provocando, novamente, uma recessão mundial após 12 anos volvidos da última (crise financeira de 2008). Segundo um artigo da jornalista Annie Lowrey (The Atlantic Magazine<sup>3</sup>) estes jovens “serão a primeira geração da história moderna a acabarem mais pobres que os seus pais”, apresentando-os como as primeiras vítimas a sofrerem os efeitos de um terramoto à escala internacional, que se configura no horizonte e, como se não bastasse, sem poupanças ou dinheiro investido para além de, na maior parte dos casos, provavelmente não virem a ter acesso a prestações sociais como o subsídio de desemprego.

Segundo a 6ª premissa defendida no ODS8<sup>4</sup> da Unesco, ambicionava-se que até 2020 “se pudesse reduzir substancialmente a proporção de jovens sem emprego, educação ou formação”, mas esta premissa revelou-se uma ambição inigualável a nível global. Somente em Portugal foram destruídos 147,9 mil postos de trabalho por causa da pandemia, entre abril e junho de 2020, mas a deterioração do mercado de trabalho não afetou todos por igual. Foram 80,4 mil os jovens, com menos de 25 anos, que se encontravam desempregados em agosto (cerca de 26,8% do total de portugueses desempregados) já que em junho, quando terminou a primeira vaga da pandemia, havia quase 88 mil jovens sem trabalho. Estes trabalhadores, com salários baixos e com contratos a termo ou mesmo precários, sobretudo nas áreas da hotelaria e da restauração, foram os mais afetados, de acordo com as estatísticas do emprego divulgadas pelo INE<sup>5</sup> em outubro de 2020.

Conforme o Eurostat, citado pelo Fronteiras XXI<sup>6</sup> (2020) a taxa de desemprego neste grupo

---

<sup>3</sup> <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2020/04/millennials-are-new-lost-generation/609832>

<sup>4</sup> <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/os-17-ods/objetivo-de-desenvolvimento-sustentavel-8-promover-o-crescimento-economico-inclusivo-e-sustentavel-o-emprego-pleno-e-productivo-e-o-trabalho-digno-para-todos>

<sup>5</sup> [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=415271599&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=415271599&DESTAQUESmodo=2)

<sup>6</sup> <https://fronteirasxxi.pt/jovensemcrise>

etário atingiu os 17,1% na UE, entre março e setembro deste ano, com os dados dramáticos de 5,4 milhões de jovens desempregados, à procura de trabalho ou simplesmente fora do mercado de trabalho. Já a OIT (ILO, 2020b) denuncia que um em cada seis jovens está desempregado (sobretudo mulheres) devido à COVID-19, reforçando que são as gerações mais jovens as mais vulneráveis à crise, onde a ameaça iminente de instabilidade económica para os jovens despoleta substancialmente os fatores de *stress* para quem já é ansioso (Gustafsson, 2020; Franic & Dodig Curkovic, 2020, cit. por Work, 2020).

Em conformidade com estes dados, o estudo da Deloitte (2020) denuncia: entre abril e maio de 2020, a pandemia afetou violentamente as carreiras dos jovens trabalhadores, com cerca de um quinto dos jovens a perderem o emprego ou a serem colocados sob licenças/suspensões temporárias não remuneradas. Apenas um terço destes não foram afetados nos seus trabalhos nem na sua remuneração. Na primeira fase deste estudo (entre novembro de 2019 e janeiro de 2020) metade dos inquiridos acreditava que a sua situação financeira iria piorar ou estagnar no ano seguinte; contudo, os resultados dos entrevistados da segunda fase do estudo (entre abril e maio de 2020) indicaram que 61% destes mantiveram a mesma falta de otimismo durante a pandemia, um salto considerável de 7% em relação à primeira fase. A fidelidade ao emprego aumenta à medida que as empresas respondem às necessidades dos seus empregados, desde a diversidade e inclusão, até à sustentabilidade e à requalificação. No referido estudo (Deloitte, 2020), os entrevistados mencionaram que gostariam de continuar a trabalhar para os seus empregadores, pelo menos por cinco anos, em vez de partirem ao fim de dois anos. Resta-nos agora saber como é que as perdas de muitos empregos, provocadas por esta pandemia, irão afetar a lealdade.

A OCDE produziu, durante a primeira vaga da COVID-19, uma série de estudos e relatórios diversos, abordando os efeitos da COVID-19 na educação (OCDE, 2020a; OCDE, 2020b; OCDE, 2020c), no comércio internacional e sobre a confiança pública no governo. O apogeu destes trabalhos geraram um relatório onde 90 organizações juvenis de 48 países, durante abril de 2020, foram inquiridas para avaliarem os efeitos desproporcionais que a pandemia está a ter sobre os jovens, e as suas prováveis implicações na solidariedade e justiça intergeracional. De forma esmagadora, estas organizações declararam que os jovens expressaram que as suas maiores preocupações, no imediato, dizem respeito à saúde mental, ao emprego e à precariedade dos seus rendimentos enquanto, a longo prazo, estas preocupações voltam-se para o bem-estar futuro, cooperação e solidariedade internacional (OECD, 2020a; ILO, 2020a).

Outro ponto que, em tese, parece ser incontestável, tem a ver com a realidade do teletrabalho e de que este veio para ficar. O que muitos acreditavam que seria uma transição laboral

tecnológica ao longo desta década (entre 2020 e 2030) foi subitamente imposta pela necessidade emergente de dar continuidade e produtividade a todo um Mundo que não podia parar, apesar de estarmos confinados às nossas casa e distanciados uns dos outros. O uso difundido e inevitável de plataformas de reuniões e de formações *online*, tornaram-se rapidamente práticas diárias rotineiras pelo que, de acordo com mais de 60% dos inquiridos do estudo da Deloitte (2020), gostariam de ter a opção do teletrabalho mais frequentemente, em detrimento das viagens e deslocações várias que antes se sucediam, com forte impacto ambiental. Assim, crê-se que um formato laboral híbrido possa ser o futuro já hoje, tal como temos vindo a constatar através da alternância entre estados de contingência e de emergência um pouco por todo o mundo (Deloitte, 2020; Gustafsson, 2020; ILO 2020a).

**Quadro 2a) Categorização dos Artigos quanto ao mês de publicação, autores, título, fonte, país, tipo de estudo e amostra para a categoria das Questões Sociais e Participação Comunitária**

Nº	Mês	Autores	Título do artigo	Fonte	País	Análise de Dados	Amostra
1	abril	Gunnell et al.	Suicide risk and prevention during the COVID-19 pandemic	The Lancet Psychiatry	Internacional	Qualit	----
2	maio	Witt et al.	Child and adolescent mental health service provision and research during the Covid-19 pandemic: challenges, opportunities, and a call for submissions	Child Adolescent Psychiatry Mental Health	Internacional	Qualit	----
3	maio	Fegert, Vitiello, Plener, & Clemens	Challenges and burden of the Coronavirus 2019 (COVID-19) pandemic for child and adolescent mental health: a narrative review to highlight clinical and research needs in the acute phase and the long return to normality	Child Adolescent Psychiatry Mental Health	Alemanha	Qualit	----
4	junho	Gabrielli & Lund	Acute-on-chronic stress in the time of COVID-19: assessment considerations for vulnerable youth populations	Pediatric Research	EUA	Qualit	----
5	agosto	Cardenas, Bustos, & Chakraborty	A 'parallel pandemic': The psychosocial burden of COVID-19 in children and adolescents	Acta Paediatrica	EUA	Qualit	----
6	setembro	Andrews, Ahmed, & Blakemore	Navigating the Social Environment in Adolescence: The Role of Social Brain Development	Biological Psychiatry	Reino Unido	Qualit	----

### **4.3. Desafios para as Questões Sociais e Participação Comunitária**

Toda esta situação provocou e continua a provocar mudanças para todos, embora para alguns ainda com mais resistência e dificuldades na adesão à necessidade de novas medidas. Há que entender que as medidas de quarentena e de isolamento são tentativas de quebrar e de controlar cadeias de transmissão de infeção, mesmo que estas estratégias suscitem dúvidas de carácter ético, político, económico e social, visto serem percecionadas como intrusivas e limitadoras de liberdades (Tognotti, 2013). Um dos grandes problemas com que muitos países de defrontam, do qual Portugal faz parte, tem a ver com a escala de gravidade provocada pela pandemia da COVID-19, pelos elevados níveis de ameaça para a saúde pública que têm originado e justificado restrições a certos direitos, como a imposição de quarentena ou isolamento, ou mesmo a limitação da livre circulação de pessoas (Magalhães et. al, 2020a, 2020b).

Importa prestar uma especial atenção aos direitos humanos como o direito da não discriminação, ou o da transparência e do respeito à dignidade humana, pois podem propiciar respostas mais agitadas ou perturbadoras, resultantes inevitavelmente de tempos de crise e da imposição de medidas excessivamente amplas. As restrições a alguns direitos podem ser justificadas quando têm por base fundamentos legais, quando se revelem estritamente necessárias e baseadas em evidências científicas, não arbitrárias nem discriminatórias quando aplicadas, de duração limitada, que respeitam as exigências dos direitos humanos, embora sujeitas a revisões proporcionais ao alcance dos seus objetivos (HRW, 2020).

A adoção de medidas necessárias de isolamento social, ao atingir o público mais jovem impactam, principalmente, aqueles que vivem em domicílios mais pobres e/ou com elevados níveis de conflito, em instituições de acolhimento ou noutras situações de vulnerabilidade como a deficiência (Gabrielli & Lund, 2020). São milhares as famílias desfavorecidas que, um pouco por todo o Mundo, têm visto os seus rendimentos diminuírem a cada dia que passa e, por isso, a verem-se forçadas a reduzir drasticamente as despesas e os consumos com bens essenciais à sua sobrevivência e dos seus, nomeadamente com a alimentação, medicamentos e habitação.

Sem exceção, o fecho das escolas afetou diretamente toda a população em idade escolar, embora os pobres tenham sido os mais prejudicados. Foram muitos os alunos do sistema de ensino público que ficaram sem acesso às refeições escolares, (por vezes a) sua única fonte de alimentação saudável e que, com a interrupção das atividades escolares, não conseguiam-se alimentar de forma adequada com os recursos disponibilizados pelas suas famílias (Witt et al., 2020). As medidas de combate a esta pandemia repercutem-se na vida de todos, desde o ambiente doméstico com as famílias e comunidades até as instituições e aos espaços públicos

frequentados por este público juvenil. Daí que as políticas públicas dirigidas a esta população mais vulnerável precisem de ser preservadas mas, igualmente, ajustadas às demandas atuais, assim como planeadas para o futuro próximo.

De entre as questões mais urgentes que já estão a afetar muitos adolescentes e jovens, e que poderão ter continuidade pós-pandemia e que exigem respostas no imediato, por parte das famílias, da sociedade e do Estado, estão presentes as seguintes temáticas: proteção dos menores contra a pobreza e a fome, a promoção e continuação de cuidados de saúde e dos planos de vacinação e imunização, a implementação de medidas de compensação por ausência física da escola e a promoção de assistência e proteção aos grupos de riscos, entre os quais, o de violência doméstica (UNICEF, 2020<sup>7</sup>).

Em virtude deste momento levar à necessidade do confinamento social das famílias, este mesmo momento pode sugerir um potencial aumento de conflitos ou de violência intrafamiliar, e de outras formas de perigos a que crianças e jovens podem estar sujeitas, se nos basearmos nos indicadores da última recessão económica da passada década, em que os maus tratos e a violência entre casais (ou com parceiros íntimos) aumentaram durante esse período (Brooks-Gunn, 2013, Millett et al., 2011, Schneider et al., 2016, cit. por Witt et al., 2020; Fegert, Vitiell, Plener & Clemens, 2020).

O número de casos de violência doméstica e de violência interpessoal, entre parceiros íntimos e contra crianças, durante a primeira vaga de confinamento aumentou: só no Brasil aumentou entre 40% a 50% (Bradbury-Jones & Isham, 2020, cit. por Cardenas, Bustos & Chakraborty, 2020) e um pouco por toda a Europa, os números chegaram a rondar os 60%, nomeadamente na Bélgica, Bulgária, França, Irlanda, Espanha e Reino Unido, conforme dados da OMS (WHO, 2020c).

Curiosamente, Portugal foi um dos países que parecem ter entrado num aparente contraciclo, comparativamente com outros países europeus. Sob o lema “ficar em casa é salvar vidas”, o confinamento e as restrições durante a primeira vaga de COVID-19, podiam ter-se tornado num período particularmente angustiante; não obstante, e segundo dados do relativos a crimes cometidos em contexto de violência doméstica respeitantes ao 2º trimestre de 2020 e seu respetivo período homólogo em 2019<sup>8</sup>, houve um ligeiro decréscimo em Portugal, quer em número de ocorrências como (-6,2%) quer em número de pessoas acolhidas pela RNAVVD,

---

<sup>7</sup> <https://data.unicef.org/topic/adolescents/covid-19>

<sup>8</sup> <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=dados-trimestrais-de-crimes-de-violencia-domestica-2-trimestre-de-2020>

sejam homens, mulheres ou crianças (-24,4%), o que nos leva a refletir se este silêncio poderá vir a ter um significado mais obscuro do que possamos crer, no regresso ao “novo normal” das vítimas.

O empobrecimento das famílias, as restrições à manutenção dos empregos e das fontes de rendimentos das famílias conduzem ao ciclo vicioso da pobreza e da exclusão social, responsáveis por alguns dos efeitos perversos destas necessárias medida de isolamento social para contenção da pandemia. O aumento de consumos de bebidas alcoólicas e/ou de outras drogas motivado pelo *stress* e frustração do confinamento, para além da confrontação diária intensiva com outros membros da família, também contribuem para a elevação dos conflitos domésticos (Gabrielli & Lund, 2020; Gunnell et al., 2020, Magalhães et al, 2020b). Garantir a continuidade dos serviços básicos de apoio e de intervenção, e das suas operações, significa que quer órgãos públicos, organizações comunitárias, prestadores de serviços de saúde e outros prestadores de serviços essenciais podem, e devem, continuar a desempenhar funções vitais para atender às necessidades de todos, sem exceção.

A nível internacional e, de igual modo, a nível nacional, as taxas de desemprego evoluíram por conta do agravamento destas medidas sanitárias, pelo confinamento súbito a que muitos países e populações foram sujeitas e suas consequências, pelo fecho dos estabelecimentos comerciais, empresariais e de serviços e pela expressiva redução de circulação de pessoas nas ruas. Tudo isto imprimiu, e ainda imprime, um custo social extremamente grave para os núcleos familiares mais vulneráveis, particularmente para aqueles que têm os seus rendimentos provenientes do mercado de trabalho informal ou da realização de atividades por conta própria.

E tudo isto suscita-nos uma enorme preocupação pois, segundo previsões dos mercados internacionais, a crise económica irá perdurar para muito além dos prazos de ajudas e auxílios derivados do estado emergencial, onde muitos pais e mães, cuidadores e tantos outros de nós, não terão nem saberão como arcar com as despesas básicas dos filhos ou familiares, sob suas responsabilidades ou de terceiros como, por exemplo, a manutenção de parentes em lares ou centros de alojamento para pessoas com deficiência (OECD, 2020b).

Mas outros os riscos também se apresentam particularmente acentuados para alguns projetos sociais, associações e ONG's, um pouco por todo o mundo, que defendem e lutam por questões como a igualdade de género e os direitos das mulheres, questões étnico-raciais, migração e refugiados, bem como apoio à comunidade LGBTQ, e ainda os que se encontram detidos nas penitenciárias, centros de detenção juvenil ou outros, porque frequentemente não recebem assistência médica adequada, mesmo em circunstâncias normais e em países economicamente mais desenvolvidos.

Não podemos esquecer os jovens refugiados que se encontram por entre os grupos mais vulneráveis, em particular os que não se encontram acompanhados ou que foram separados das suas famílias, devido a experiências que possam ter envolvido guerra, exploração e trauma, assim como um contínuo risco de violação dos seus direitos humanos e liberdades fundamentais, dada a sua alta vulnerabilidade a diferentes formas de violência, especialmente contra as mulheres tais como violação, agressão sexual, assédio sexual, violência doméstica, casamento forçado, mutilação genital feminina e tráfico humano com o propósito da exploração sexual (Conselho Europeu, 2019, p.7).

Em pleno período de pandemia, ou em pós-pandemia e suas conseqüentes crises, o trabalho desenvolvido por qualquer associação ou ONG que trabalhe nestes terrenos, revela-se essencial e de carácter prioritário, pois é de extrema importante que consigam continuar a desenvolver e a defender as suas causas mas que, também, possam aumentar a sua capacidade de resposta. Por exemplo, os governos dos países que acolhem jovens refugiados e penderes de asilo ou estatuto de residência, devem reconhecer os desafios enfrentados por todos os jovens em transição para a vida adulta e autónoma, lembrando as particulares exigências e dificuldades que estes especialmente enfrentam, nomeadamente os inúmeros obstáculos à integração bem-sucedida numa nova sociedade, que incluem frequentemente assédio e discriminação (BMGF, 2020; Cayley et al., 2020; Conselho Europeu, 2019).

Há que assegurar que as suas respostas sociais incluam medidas de prevenção e tratamento, com especial atenção a medidas de alívio de sobrelotação em campos e centros de detenção, que melhorem o saneamento e o acesso à assistência médica e que recorram a planos de confinamento ou isolamento temporariamente definidos, mas apenas se necessário, não devendo estes ser ou parecer punitivos, pois o medo de estar confinado ou isolado, pode levar a que muitos demorem ou evitem solicitar apoio médico, a título de exemplo (HRW, 2020).

Conseqüente da necessidade de medidas de contenção e mitigação desta pandemia, todos os centros juvenis, sejam eles clubes recreativos ou desportivos, centros de apoio educativos, projetos de intervenção comunitária ou outros serviços dirigidos à juventude, viram-se forçados a encerrar e a suspender as suas atividades, contribuindo para que muitos adolescentes e jovens ficassem privados de poderem obter ajudas ou suporte, quer em termos escolares, sociais e até mesmo emocionais. Existe o perigo que um em cada cinco destes centros não abram após o levantamento destes estados sucessivos de emergência e suas restrições, ou das eventuais medidas de austeridade que possam vir a ser implementadas e conseqüentes desta pandemia.

É por isso que os tempos de hoje exigem “uma liderança comunitária com uma visão de empoderamento e uma perspectiva de mudança social, que promova a participação cívica

democrática, o desenvolvimento de novos recursos e a criação de comunidades competentes” (Ornelas et al., 2013, p.11). Daí que muitos destes espaços estejam a adaptar-se, reconduzindo rapidamente as suas atividades, trabalhos, grupos de apoio e movimentos, para modalidades *online*.

Estas iniciativas e atitudes, por parte destes jovens, também se devem ao facto de saberem que, ao fazerem isto pelos mais vulneráveis hoje, poderão rever-se nestes, num futuro próximo, conduzindo algumas associações a desenvolver trabalhos junto de outros jovens, alguns com necessidades específicas, como de apoio de materiais e meios tecnológicos, outros com sintomas depressivos ou apenas carentes de contato social (OCDE, 2020a).

Um pouco por todo o mundo, muitos forma os governos que promoveram o voluntariado dos seus jovens através de programas dedicados a ajudar o próximo - eis alguns a título de exemplo: em França foi criada uma plataforma nacional de voluntariado chamada "*Je veux aider*", focalizada na distribuição urgente de alimentos e produtos de higiene, serviços de apoio para os filhos dos profissionais de saúde, manutenção de relações sociais com idosos isolados, e pequenas ajudas aos vizinhos mais vulneráveis; o governo Canadiano também criou uma plataforma de voluntariado semelhante chamada "*I Want to Volunteer*"; a Nova Zelândia criou uma rede com grandes organizações juvenis para reforçar a colaboração junto das populações e prestar apoio aos jovens mais vulneráveis, face à COVID-19, de formas mais efetivas, sobretudo por meios digitais.

Em Portugal, também surgiram várias iniciativas: a FNAJ lançou uma plataforma intitulada “Liga-te”<sup>9</sup> mapeando mais de 70 associações nacionais, que mobilizaram cerca de 680 voluntários jovens para ajudarem no combate à COVID-19, visando incentivar outros jovens a voluntariarem-se para participarem em diversas iniciativas articulada com as autoridades locais. Pretendia-se dar resposta a algumas necessidades das comunidades, com particular ênfase junto dos idosos mais isolados, dos sem-abrigo ou de outros jovens com poucos recursos, através da recolha de materiais como viseiras, máscaras e gel desinfetante, bens alimentares, agasalhos e medicação mas também pela companhia através de contactos telefónicos e visitas domiciliárias regulares.

Também a OPP disponibilizou para toda a população, um conjunto de materiais e documentos no âmbito da promoção de literacia psicológica, destinando muitos aos jovens que a pandemia deprimiu, ou cujos estados pré-existent foram agravados, tentando reverter os seus desânimos ao mantê-los ativos, motivados e integrados, através de pequenas formações

---

<sup>9</sup> [https://www.fnaj.pt/index.php/liga\\_te](https://www.fnaj.pt/index.php/liga_te)

e *workshops online*, dicas para atividades em casa e breves recomendações<sup>10</sup>. Outro exemplo nacional de movimento voluntário jovem foi o sucedido em Cascais, entre outros concelhos: em parceria com a autarquia, os jovens colaboraram em vários projetos como a colocação de caixas solidárias, na prestação de auxílio e distribuição de ajuda alimentar aos setores mais fragilizados, no apoio e informação sobre os testes COVID-19, no suporte à vigilância e esclarecimento às medidas sanitárias nas praias e nos parques, na distribuição de máscaras nos terminais dos meios de transporte.

Já a campanha de sensibilização “Dá um tempo”, promovida pelo IPDJ<sup>11</sup>, pretendeu alertar os jovens para a contínua e necessária prevenção contra a pandemia da doença COVID-19. Contou com um grupo de 120 jovens voluntários, divididos por 5 municípios do distrito de Lisboa que tiveram como objetivo informar a comunidade jovem, junto de locais públicos (serviços públicos, serviços de restauração, mercados, entre outros), sobre a necessidade de manter consciente o estrito cumprimento das regras que asseguram o combate ao aumento de casos positivos de COVID-19.

A este propósito, surgiram outras iniciativas promovidas por jovens, que rapidamente arrastaram um séquito de voluntários e seguidores, como o movimento “Vizinho Amigo”<sup>12</sup>: em alguns prédios e bairros de cidades, foram muitos os que afixaram notas escritas à mão, onde se ofereciam para ajudar os seus vizinhos mais velhos, indo por eles às compras, à farmácia, fazendo-lhes companhia ou muitas outras pequenas tarefas, como passear o cão.

Isto significa que tantos jovens como organizações juvenis deram provas que podem ser catalisadores de sociedades mais resilientes e inclusivas (OECD, 2020b), munidas de uma extraordinária adaptabilidade e criatividade para conseguirem amenizar esta crise, capazes de mobilizarem jovens voluntários para lutarem contra um sem número de notícias falsas (*fakenews*), para prestarem aconselhamento em matéria de saúde mental, apoiarem jovens desfavorecidos e outros grupos de risco, colaborarem na criação de linhas telefónicas de apoio e na transferência das suas atividades para o ambiente digital (Cayley et al, 2020; OECD, 2020a). É que parcerias e uniões como estas, mostram-se ainda mais eficazes, quando apresentam um conjunto de características específicas, ou seja, quando “são abrangentes, flexíveis e orientadas para respostas concretas, promotoras da ligação à comunidade e que desenvolvam o *empowerment* comunitário” (Ornelas & Moniz, 2007, p.153) características estas que também se revelaram a nível individual e de forma espontânea.

---

<sup>10</sup> [https://www.ordemdospsicologos.pt/pt/covid19/materiais\\_apoio](https://www.ordemdospsicologos.pt/pt/covid19/materiais_apoio)

<sup>11</sup> <https://ipdj.gov.pt/campanhas/%C2%ABd%C3%A1-um-tempo-%C2%BB>

<sup>12</sup> <http://www.vizinhoamigo.org/>

Este tipo de iniciativas fomentam um maior número de adesões juvenis e são claros incentivos à prática de voluntariado organizado, o que estimula as competências dos jovens e permite-lhes envolverem-se nas tarefas em prol das comunidades. Tal sucede porque os adolescentes são mais propensos a tornarem-se voluntários nas suas comunidades, se observarem os seus pares a fazê-lo (Choukas-Bradley et al, 2015 cit. por Andrews, Ahmed, & Blakemore, 2020), pois são mais suscetíveis que os adultos de serem influenciados por outros, também para comportamentos pró-sociais (Foulkes et al., 2018, ops. cit.).

Já o estudo da Deloitte (2020) o menciona: a pandemia trouxe um sentido de responsabilidade individual ainda mais forte, tendo os seus entrevistados indicado que estavam a realizar ações “socialmente conscientes” em prol da sociedade e do planeta. As alterações climáticas surgiram mais como uma questão crítica para os jovens, antes e durante a crise da COVID-19. Antes da pandemia, metade dos entrevistados considerava já ser tarde demais para reparar os danos causados pelas alterações climáticas, tendo somente 40% expressado otimismo quanto aos esforços futuros com sucesso para proteger o meio ambiente. Contudo, na segunda análise deste estudo, a percentagem que acreditava já termos atingido o ponto sem retorno caiu, sugerindo uma melhoria nas perspetivas futuras face ao impacto ambiental da redução da atividade durante a pandemia.

Isto explica-se pelo facto que o papel dos jovens é “orientado para a ação, procurando operar mudanças positivas na sua comunidade, mobilizando os seus membros na resolução dos seus próprios problemas e desenvolvendo a sua capacidade de intervenção sobre essa realidade (Ornelas, 2010, cit. por Ornelas et al., 2013, p.42). Por isso é que, promovido e difundido internacionalmente pela jovem ativista da proteção ambiental Greta Thunberg, a causa da proteção do planeta é agora agudizada pela pandemia, podendo ser vista como “uma oportunidade de escolher um novo caminho”, segundo a própria<sup>13</sup>, reforçando essa inclinação onde quase três quartos dos jovens inquiridos, deste mesmo estudo, mencionaram que a pandemia os tornou mais solidários e empáticos com as necessidades dos outros e que tencionam agir no sentido de terem um impacto mais ativo e positivo nas suas comunidades.

Talvez por estas razões é que mais alguns países europeus, durante este período pandémico, tenham aderido e assumido o compromisso de incluírem considerações sobre equidade e inclusão mais ecológicas e protetoras do clima<sup>14</sup>, nas medidas de recuperação da crise da COVID-19, onde apelam a que as melhorias ambientais sejam uma parte integrante da

---

<sup>13</sup> <https://executivedigest.sapo.pt/greta-thunberg-no-dia-da-terra-esta-na-hora-de-escolher-um-novo-caminho/>

<sup>14</sup> <https://www.euractiv.com/section/energy-environment/news/green-recovery-alliance-launched-in-european-parliament/>

estratégia de recuperação a longo prazo da UE, ao abrigo da importância e da defesa da justiça intergeracional (Cayley et al, 2020).

Trata-se de um “compromisso para com as gerações seguintes (...) justificado por uma preocupação altruística em relação a outros seres humanos mas também pela noção de imparcialidade, que implica que o mundo se destina a ser partilhado por todas as gerações, não sendo propriedade exclusiva de nenhuma delas” (Gosseries, 2011, p. 6).

Daí que a mudança de sistemas implica mudanças individuais, pelo que o desenvolvimento humano e os processos de desenvolvimento comunitário sejam mais eficientes quanto mais interligados estiverem (Christens, Hanlin, & Speer, 2007 cit. por Christens & Dolan, 2011).

**Quadro 3a) Categorização dos Artigos quanto ao mês de publicação, autores, título, fonte, país, tipo de estudo e amostra para a categoria da Saúde Mental**

Nº	Mês	Autores	Título	Fonte	País	Análise de Dados	Amostra
1	março	Liu et al.	Prevalence and predictors of PTSS during COVID-19 outbreak in China hardest-hit areas: Gender differences matter	Psychiatry research	China	Qualit	----
2	março	Cao et al.	The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China	Psychiatry Research	China	Qualit	----
3	abril	Golberstein Wen, & Miller	Coronavirus disease 2019 (COVID-19) and mental health for children and adolescents	JAMA Pediatrics	EUA	Qualit	----
4	abril	Gunnell et al.	Suicide risk and prevention during the COVID-19 pandemic	The Lancet Psychiatry	EUA	Qualit	----
5	maio	Oosterhof et al.	Adolescents' Motivations to Engage in Social Distancing during the COVID-19 Pandemic: Associations with Mental and Social Health	Journal of Adolescent Health	EUA	Quantit	683 adolescentes
6	maio	Clemens et al.	Potential effects of social distancing measures and school lockdown on child and adolescent mental health	European Child & Adolescent Psychiatry	Internacional	Qualit	----
7	maio	Witt et al.	Child and adolescent mental health service provision and research during Covid-19 pandemic: challenges, opportunities, and a call for submissions	Child Adolescent Psychiatry Mental Health	Internacional	Qualit	----
8	junho	Loades et al.	Rapid Systematic Review: The Impact of Social Isolation and Loneliness on the Mental Health of Children and Adolescents in the Context of COVID-19	Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry	EUA	Qualit	----

Nº	Mês	Autores	Título	Fonte	País	Análise de Dados	Amostra
9	junho	Courtney et al.	COVID-19 Impacts on Child and Youth Anxiety and Depression: Challenges and Opportunities	Canadian Journal of Psychiatry.	Canadá	Qualit	----
10	junho	Zhai & Du	Addressing collegiate mental health amid COVID-19 pandemic	Psychiatry Research	EUA	Qualit	---
11	junho	Orbem, Yomova, & Blakemore	The effects of social deprivation on adolescent development and mental health	The Lancet Child & Adolescent Health	EUA	Qualit	----
12	junho	Ko & Yen	Impact of COVID-19 on gaming disorder: monitoring and prevention	Journal of Behavioral Addictions	China	Qualit	----
13	agosto	Imran et al.	Psychological burden of quarantine in children and adolescents: A rapid systematic review and proposed solutions	Pakistan Journal of Medical Sciences	Paquistão	Qualit	-----
14	setembro	Branquinho et al.	Hey, we also have something to say”: A qualitative study of Portuguese adolescents’ and young people’s experiences under COVID-19	Journal of Community Psychology	Portugal	Quantit	617 adolescentes e jovens, entre os 16 e os 24 anos
15	setembro	Son et al.	Effects of COVID-19 on College Students’ Mental Health in the United States: Interview Survey Study	Journal of Medical Internet Research	EUA	Quantit	195 estudantes (média de idades: 20,7 anos)
16	novembro	Tomova et al.	Acute social isolation evokes midbrain craving responses similar to hunger	Nature Neuroscience	EUA	Quantit	40 jovens e adultos entre os 18 e os 40 anos
17	novembro	Figueiredo et al.	COVID-19 pandemic impact on children and adolescents’ mental health: Biological, environmental, and social factors	Progress in Neuro-Psychopharmacology and Biological Psychiatry	Brasil	Qualit	----
18	novembro	Andrews, Ahmed, & Blakemore	Navigating the Social Environment in Adolescence: The Role of Social Brain Development	Biological Psychiatry	EUA	Qualit	----

#### 4.4. Desafios para a Saúde Mental

A pandemia pela COVID-19 tem continuado a aumentar e a ameaçar o bem-estar e o equilíbrio de muitos de nós, a nível global, submersos num estado de emergência de saúde pública, gerador de medos e tristezas mas conduzindo, particularmente, os adolescentes e os jovens a experienciarem um espectro de impactos psicológicos, os quais ainda não sabemos como se irão manifestar num futuro próximo. É que momentos como este, que vivemos, estão associadas a significativos tensores psicossociais, por incitarem a mudanças intensas e disruptivas nas rotinas dos indivíduos, que podem incluir perdas muito significativas (Kazlauskas & Quero, 2020).

Com o encerramento das escolas e universidades, com os cancelamentos de diversos eventos e os sucessivos adiamentos de planos, incluindo a incerteza em relação ao futuro, as interações sociais ficaram muito limitadas para a juventude (Lancet, 2020, cit. por Branquinho et al., 2020; Oosterhoff et al., 2020) assim como as suas perspetivas temporais para voltarem ao que tinham. Num momento crucial das suas vidas, em que é suposto haver um distanciamento das figuras parentais como consequência da necessidade de afirmação e de oposição à opinião dos adultos, em contraste pela necessidade do sentimento de pertença ao grupo de amigos, eis que estes são obrigados em viver no sentido contrário: fechados em casa com os pais e isolados dos amigos.

A juventude considera estas “perdas” como frustrantes e decepcionantes, vivendo pequenos lutos que se vão somando e que vão gerando angústias e ansiedade. Considerando a epidemia anterior, provocada pela Gripe A ou *Influenza* (H1N1), existe uma estreita ligação entre ansiedade e depressão e doenças virais (Coughlin, 2012, cit. por Witt et al., 2020), pelo que se prevê que esta atual crise possa gerar um impacto semelhante na saúde mental, principalmente dos mais novos.

Quer adolescentes como jovens vão apresentando, um pouco por todo o mundo, diversas queixas devido à alteração das suas práticas quotidianas e pela imposição de confinamento a que ficaram sujeitos, tais como episódios de alterações de humor, irritabilidade, agitação motora e mental, choro fácil, dificuldades em dormir, abuso de substâncias, alterações do comportamento alimentar e perda de interesses, ansiedade, estados depressivos (Branquinho et al., 2020; Courtney et al., 2020; Loades et al., 2020) mas também alguns sintomas físicos e psicossomáticos tais como dores musculares, taquicardia, tremores, dor de cabeça e tonturas (Liu et al., 2020; Wang et al., 2020 cit. por Branquinho et al., 2020).

Devido a uma quebra abrupta nas rotinas vigentes, tanto os adolescentes como os jovens puderam ficar muito tempo isolados a jogarem *online*, nos seus quartos, e a ficarem acordados

até tarde porque todos os seus outros passatempos e participação noutras atividades extracurriculares, entre as quais desportivas, tornaram-se impraticáveis (Ko & Yen, 2020). Há que prestar atenção ao impacto do comportamento excessivo e aditivo do *gaming* e suas consequências negativas, tais como perturbações do sono ou alterações do comportamento alimentar, entre elas a obesidade (Ko et al., 2019; ops cit.), mas também aos sinais de agravamento de défice de atenção/hiperatividade (Yen et al., 2017, ops. cit.) e de comportamentos ansiosos ou depressão (Wang et al., 2017, ops. cit.).

No estudo realizado por Loades et al. (2020) constataram que as crianças e os adolescentes são mais suscetíveis de revelarem altos índices de depressão e ansiedade, durante e depois de períodos de isolamento social impostos. Após uma revisão sistemática de 63 estudos, com 51.576 participantes (crianças e adolescentes), encontraram uma evidente relação entre isolamento e problemas mentais, que podem ser agravados à medida que este se prolonga no tempo. Verificaram, igualmente, que o isolamento nas raparigas está mais associado a quadros depressivos e, nos rapazes, está mais associado à ansiedade social (Liu et al., 2020; Mak, Fosco & Feinberg, 2018, ops. cit.).

No estudo realizado pela Deloitte (2020) junto de 4.711 jovens de 20 países, na primeira fase, e com 3.601 jovens de 13 países, na segunda fase e em plena pandemia constatou-se, em ambas as fases do estudo, que o *stress* e a saúde mental continuam a ser questões delicadas para estas gerações: na primeira fase, metade dos entrevistados afirmaram estar stressados durante todo o dia ou a maior parte do tempo; já na segunda fase, embora os seus níveis de ansiedade tenham caído 8%, mantinham o mesmo mal-estar.

Daí que o isolamento social se esteja a revelar como (mais) uma agravante de outras fragilidades, particularmente para os que já apresentam dificuldades e necessidades especiais ou psiquiátricas preexistentes (Clemens et al., 2020; Imran et al., 2020; Golberstein, Wen, & Miller, 2020; Liu et al., 2020). Estarmos próximos de outros significativos, é de suma importância para criarmos e mantermos os nossos laços sociais (Dunbar, 2010, cit. por Figueiredo et al., 2020).

Noutras circunstâncias, e na ausência de adversidades, o distanciamento social não nos é natural, embora também seja perante circunstâncias adversas que, de um modo geral, podemos perceber a importância de certas relações e fortalecer amizades e, neste ponto, os adolescentes e os jovens destacam-se (Branquinho et al., 2020). Perante contextos ameaçadores, como esta pandemia, a nossa tendência para estabelecer vínculos e o desejo de procurar contacto físico, tornam-se ainda mais evidentes e mais fortes (Magalhães 2020a, 2020b; Mawson, 2017, cit. por Figueiredo et al., 2020).

Nesta mesma linha, uma investigação realizada por Tomova et al. (2020) refere que, após ficarmos em isolamento, o desejo por interações sociais é neurologicamente muito semelhante à vontade de comer depois de fazermos jejum, o que significa, por outras palavras, que depois de estarmos muito tempo sozinhos, o nosso cérebro fica “esfomeado” por interações sociais. De acordo com esta equipa, nos nossos cérebros, a fome e a solidão assemelham-se muito, o que sugere que a necessidade de relacionamento poderá ser uma necessidade humana básica, levando a privação de contactos sociais a gerar problemas emocionais.

Já em investigações anteriores (Burke et al., 2017, Hall, 1998, Lukkes et al., 2009, Matthews & Tye, 2019, cit. por Orben, Tomova, & Blakemore, 2020) haviam sido identificados grupos de neurónios, no cérebro de pequenos roedores (ratos, ratazanas e arganazes) que geravam um “impulso” para a interação social, após o isolamento desses animais. No entanto, ainda não existem estudos em humanos que possam comprovar o que se identificou com estes animais, ou seja, que o isolamento social em determinados períodos da vida, nomeadamente na adolescência, tenha efeitos primordiais no desenvolvimento estrutural do nosso cérebro e nos consequentes comportamentos associados a problemas de saúde mental.

Tomova et al. (2020) e Andrews, Ahmed, & Blakemore (2020) defendem que a adolescência pode ser considerada um período sensível para o desenvolvimento social, parcialmente dependente do desenvolvimento do cérebro social, na construção do autoconceito e da resiliência mental reforçando que é nesta fase da vida que o ser humano revela uma maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de problemas de saúde mental. Como já anteriormente referido, cerca de 75% de adultos reportaram que experienciaram os primeiros sinais de alerta antes dos 24 anos, confirmando que o aparecimento de perturbações leves, durante a adolescência, podem predizer perturbações graves durante a idade adulta (Kessler et al., 2012, cit. por Orben, Tomova, & Blakemore, 2020), ou terem experienciado dificuldades no relacionamento com os seus pares, rejeição, *bullying* e solidão, apresentam-se como fatores de risco para o desenvolvimento sócio-afectivo, podendo conduzir a depressões ou mesmo ideações suicidas durante a juventude (Azevedo & Matos, 2014; Hinduja & Patchi, 2019; Pitman, Mann & Johnson, 2018; Arseneault, 2018, Platt, Kadosh & Lau, 2013, cit. por Orben, Tomova, & Blakemore, 2020). É que juventude aparece como sendo um grupo de risco privilegiado para a emergência de problemas de saúde mental, e por ser um período em que a solidão pode ser mais estigmatizante, dada a pressão social para estarem ligados entre si (Lasgaard, Friis & Shevlin, 2016, ops. cit.).

Por outro lado, ainda antes do início da pandemia, já se constataria que entre 15% a 25% de estudantes universitários de todo o mundo, enquanto decorria a sua formação académica,

sofriam de uma ou mais perturbações, nomeadamente ansiedade e depressão (Adewuya et al., 2006, Eisenberg, 2010, Eisenberg et al., 2013, Hunt & Eisenberg, 2010, Storrie, 2010, cit. por Nogueira, 2017; Auerbach et al., 2016, cit. por Zhai & Du, 2020), percentuais estes que podem vir a ser potenciados pelo número dos efeitos psicológicos que a pandemia pela COVID-19 pode exacerbar, por entre os estudantes.

Num estudo realizado por Son et al. (2020) com 195 estudantes universitários americanos, 71% indicaram um aumento dos seus níveis de *stress* e ansiedade, bem como de pensamentos depressivos. Foram identificados múltiplos fatores que contribuíram para estes aumentos, que incluíam: medo e preocupação com a sua própria saúde e com a saúde dos seus entes queridos (91% referiram impactos negativos da pandemia), dificuldade de concentração (89%), perturbações dos padrões de sono (86%), diminuição das interações sociais devido ao distanciamento físico (86%) e aumento das preocupações sobre o desempenho académico (82%).

Num outro estudo realizado por Cao et al. (2020) com 7.143 estudantes universitários chineses (de meios rurais e urbanos), 24,9% destes experienciaram ansiedade, sobretudo os jovens de zonas rurais, em virtude da perda de rendimentos económicos pelas suas famílias, pois afeta o pagamentos das suas propinas.

Mas um outro risco apresenta-se a quem já detém alguma fragilidade psicológica ou mesmo psicopatologia: Gunnell et al. (2020) sugere que a atual situação pandémica pode, dentro das suas consequências, afetar os índices de comportamento suicida, devido aos efeitos a longo prazo sobre a população em geral, na economia e em pessoas mais vulneráveis a problemas de saúde mental e comportamentos suicidas, entre os quais os jovens. Os autores baseiam-se nas evidências passadas das taxas de suicídio que aumentaram nos EUA, durante a pandemia por *Influenza* nas primeiras décadas do século XX (Wasserman, 1992, ops. cit.) e nos relatos observados junto da população mais idosa em Hong Kong em 2003, por ocasião da SARS (Cheung & Chau, 2008, ops. cit.).

Obviamente que o contexto em que se desenrola a atual pandemia é diferente dos anteriores, mas não deixa de requer a atenção da comunidade internacional pela necessidade de implementação de fortes medidas e ações de contenção e de prevenção, em virtude da existência mais do que suficiente de motivos para preocupação que as taxas de suicídio possam aumentar, como consequência da crise, do distanciamento e do isolamento (Reger, Stanley, & Joiner, 2020, cit. por Witt et al., 2020).

O peso desta pandemia não se pode limitar apenas às manifestações clínicas da doença, pois o receio é que os seus efeitos se manifestem a curto e longo prazo (Figueredo et. al., 2020),

passando despercebidos ou mesmo não tratados, conduzindo ao que Cardenas, Bustos, & Chakraborty (2020) chamam de “pandemia paralela”.

#### 4.5. O impacto da pandemia pela COVID-19: uma análise transversal

Eventos epidémicos e pandémicos são, geralmente, desencadeadores de desordem, de confusão e de disrupção social, **abalando todos os aspetos quotidianos das nossas vidas** (Kazlauskas & Quero, 2020). Estamos em dezembro de 2020 e todos queremos acreditar que, daqui a um ou dois anos, é provável que a COVID-19 se tenha tornado uma parte gerível, senão controlável, das nossas vidas, onde uma vacina ou mais tratamentos eficazes terão surgido e estarão disponíveis para a maioria da população mundial. Contudo, a disseminação deste vírus tem vindo a **expor as falhas estruturais de um conjunto de sistemas globais implementados** e que têm sido alvo de inúmeros alertas documentados, ao longo de décadas, uma vez que têm vindo a agravar-se cada vez mais.

“A formação de desigualdades económicas, a destruição ecológica desenfreada e a corrupção política generalizada são resultados de sistemas desequilibrados que dependem uns dos outros para se manterem precariamente estáveis” (Lent, 2020). Só que neste momento, e à medida que estes sistemas se desorganizam e destabilizam, esperam-se que outros igualmente desabem em conjunto, numa queda conhecida pelos investigadores como "falha síncrona" (ops. cit).

Mas o impacto desta pandemia na Humanidade, será somente um **desdobramento de intensas perturbações** a que já estamos a assistir nas nossas vidas, manifestando-se como os primeiros percussores de uma transformação histórica, em algumas normas políticas e sociais, que já se queriam em marcha e que há muito aguardavam por uma oportunidade.

Em apenas poucos meses, vimos mudanças sérias acontecerem que anteriormente haviam sido desconsideradas, por se basearem em ideias políticas e económicas consideradas irrealistas, tais como o rendimento básico universal, a necessidade de intervenção governamental para alojar os sem-abrigo (*housing first*) ou ainda da concertação de medidas em prol da proteção do planeta.

Em junho de 2020, a DG-EAC organizou num seminário, onde representantes da OCDE, da Eurofound, do Fórum Europeu da Juventude e da Presidência croata<sup>15</sup> apresentaram aos membros da Plataforma da Estratégia da EU, os resultados dos seus inquéritos sobre a forma

---

<sup>15</sup> [https://europa.eu/youth/coronavirus/news/summary-live-webinar-impact-covid-19-young-people\\_en](https://europa.eu/youth/coronavirus/news/summary-live-webinar-impact-covid-19-young-people_en)

como a pandemia afetou a juventude, onde expuseram a sua enorme fragilidade, transversal a todas as dimensões das suas vidas.

Em virtude da **juventude** se encontrar **sub-representada na economia não convencional**, de forma precária e informal, esta situação levou a um aumento do desemprego e da insegurança no trabalho dos jovens que, combinadas com as falências na educação, poderão vir a ter consequências prolongadas no futuro da empregabilidade e da segurança financeira dos jovens, ao longo das próximas décadas. O aumento da discriminação e do estigma, uma maior exclusão social, a diminuição do acesso ao espaço cívico e ao direito de participação constituem uma pressão adicional.

Neste sentido, os *Global Shapers Lisbon* (2020), em parceria com o projeto 100 Oportunidades, composto por 100 indivíduos portugueses com idades entre os 20 e os 35 anos, criaram um documento designado por “50 Medidas para um debate intergeracional de fundo na sociedade portuguesa pós COVID-19”. Todos oriundos de 20 áreas distintas, em que nelas trabalham, delas dependem e para as quais contribuem, referem que os **compromissos e as reformas de longo prazo são urgentes**, exigindo um amplo e franco **debate intergeracional**, defendendo que a hora de iniciar este debate já chegou. Aqui apresentam um conjunto de medidas para diversos setores, que vão desde o empreendedorismo à tecnologia, do direito às finanças, das artes à sustentabilidade, da ciência à saúde, ou do desporto à indústria, entre outras. Alguns destes jovens pertencem a uma geração “que chegou à vida ativa durante a crise das dívidas soberanas e que se encontra agora, nem 10 anos volvidos, na soleira de uma nova crise económica” (ops. cit., p.4). E reforçam: “Fazemos parte de uma geração de emigrantes, de precários, de rendimentos estagnados, de pouco crescimento, que não tem dinheiro para viver sozinha e criar família, que tem dúvidas se vai ter reforma, que participa menos na política dos partidos”. É que os **jovens estão dispostos a assumir o controlo das suas vidas**, a estabelecer relações com os outros e a apoiá-los (Cohen & Bosk, 2020; OECD, 2020a).

Do mesmo seminário da DG-EAC, resultaram dados que revelaram elevados índices de depressão, solidão, tensão, ansiedade e ideações suicidas, inclusive, considerando que antes da pandemia eram os jovens que apresentavam os melhores resultados em termos de bem-estar, comparativamente com a restante sociedade (OECD, 2020a).

Dentro desta sequência e numa revisão recente, Brooks et al. (2020) examinaram o **impacto psicológico da quarentena** e como reduzir os efeitos psicológicos negativos que a acompanham, incluindo o *stress*, a confusão e a raiva, embora o tédio e a frustração possam ser bons preditores de *stress* e os conflitos familiares. A **duração incerta das medidas de confinamento**, o encerramentos de escolas e outros espaços, a necessidade das famílias estarem

todas reunidas por longos períodos de tempo, para além das que se encontram a gerir a perda de emprego e rendimento, ou das que se encontram em teletrabalho e simultaneamente cuidam dos filhos e prestam-lhes apoio com o ensino à distância, bem como a gestão do impacto da doença e da perda de vidas nas suas famílias e comunidades, todos estes fatores contribuem para efeitos duradouros (ou podem acelerar outros), relacionados com a **falta de saúde mental e o aparecimento de psicopatologias** (Golberstein, Wen & Miller, 2020; Imran et al., 2020).

Ainda há muito trabalho a fazer no sentido de compreendermos as relações entre a qualidade e a quantidade das relações sociais de um jovem e a sua saúde mental, determinando **os papéis que a solidão e o isolamento social desempenham** nos percursos do seu desenvolvimento da doença mental, e a natureza da sua relação recíproca com os problemas de saúde mental, como vimos anteriormente. É que o isolamento social é passível de exacerbar o peso da perda do funcionamento e da baixa autoestima e o estigma pode intensificar a solidão e o isolamento social, tornando as ligações mais difíceis de formar, tornando-se suscetível e capaz de prejudicar significativamente a recuperação e a qualidade de vida (Pitman, Mann, & Johnson, 2018).

Não obstante, enfrentamos um **novo estigma social**: a discriminação dos que testam positivo para a COVID-19, mas este estigma ainda é mais agravado para os adolescentes e jovens, dada a narrativa em curso por muito que os acusam de serem uns “super-disseminadores” e “super-propagadores” (*superspreaders*) do vírus (Lau, Grenfell, Nelson, & Lopman, 2020, cit. por Work, 2020; Shield, 2020), em grande parte por conta das suas práticas sociais, consideradas por muitos inconsequentes e irresponsáveis, como as *COVID-parties*. Mas tal não está correto, pois generalizar que todos os adolescentes e jovens são demasiado descontraídos ou mesmo irresponsáveis, para tomarem cuidado e saber estimar os mais velhos e os mais doentes, ou mesmo deles próprios, poderá ser injusto.

Muitos destes estão preocupados com o que poderá acontecer aos seus familiares, especialmente os avós, com o que irá acontecer ao seu percurso escolar e profissional, cujo futuro não se sabe nada em concreto. No caso dos estudantes universitários, estes têm preocupações e receios de infeção e de transmissão da COVID-19 aos seus familiares com complicações graves da COVID-19 quando regressam a casa, dado poderem ser portadores assintomáticos, recearem colocar os membros mais velhos da sua família em risco (Pan et al., 2020, cit. por Zhai & Du, 2020).

**Riscos** estes que também se têm revelado pelas múltiplas interrupções ou cancelamentos de consultas e cirurgias, ou pela drástica redução **na prestação dos serviços de saúde**, particularmente daqueles considerados essenciais como, por exemplo, os oncológicos, mesmo

em contexto de ambulatório. O **foco na saúde**, durante a primeira vaga da COVID-19 em Portugal e na Europa, foi dedicado quase inteiramente à contenção do contágio e de propagação da COVID-19, tendo-se verificado um acentuado decréscimo dos cuidados primários e especializados, junto de todos os doentes, mas com particular perigo para os doentes de risco (Witt et al., 2020).

Sob um dos motes da Agenda 2030 de “**não deixar ninguém para trás**” (ONU, 2015<sup>16</sup>), em particular as pessoas mais necessitadas e em situação de pobreza, onde quer que elas estejam, e de forma a atingir seus desafios e vulnerabilidades específicas, tal aplica-se em todas as sociedades embora mais ainda nas sociedades que se encontram mais frágeis e afetadas por conflitos. Dos 7,1 milhões de crianças e jovens refugiados em idade escolar, cerca de 3,7 milhões não frequentam a escola e somente 3% dos refugiados estão matriculados no ensino superior, em comparação com 37% da média mundial (ACNUR, 2019<sup>17</sup>).

No entanto, sabemos o quanto o **ensino superior protege**, reforça a resiliência e promove a inovação, o empreendedorismo e o capital humano, todos estes elementos cruciais para a **recuperação sócio económica e a criação de emprego** que se deseja, apresentando-se como uma base mais sólida para uma recuperação mais sustentável a longo prazo, a nível global, e como **recurso de combate contra a pobreza e à precaridade**.

Se a pobreza já era a principal razão pela qual muitos jovens não frequentavam a escola (Attree, 2006), as **repercussões económicas desta crise** provocada pela COVID-19 durarão muito mais do que os confinamentos ou estados de emergência, especialmente para pessoas mais vulneráveis e carenciadas como, por exemplo, **jovens mulheres, jovens mais jovens e jovens de países de menores rendimentos** (BMGF, 2020; ILO, 2020).

De acordo com os dados do estudo da OCDE (2020b, 2020c) a perda de aprendizagens que ocorram são suscetíveis de carregar um custo económico muito elevado para as sociedades, pela diminuição da produtividade e do crescimento. As suas estimativas mostram que um ano escolar perdido pode ser considerado equivalente a uma perda entre 7% e 10% do rendimento vitalício.

Ainda assim, é necessário agir de forma coletiva mas equitativa, e tomar medidas arrojadas por forma a garantir que os estudantes mais vulneráveis sejam apoiados, quer se tratem de adolescentes ou jovens de famílias mais carenciadas e com menores rendimentos, sejam

---

<sup>16</sup> [https://www.unssc.org/sites/unssc.org/files/portuguese\\_2030\\_agenda\\_for\\_sustainable\\_development\\_-\\_kcsd\\_primer.pdf](https://www.unssc.org/sites/unssc.org/files/portuguese_2030_agenda_for_sustainable_development_-_kcsd_primer.pdf)

<sup>17</sup> <https://www.acnur.org/portugues/2020/09/18/refugiados-superam-desafios-para-seguir-estudando-durante-pandemia/>

**refugiados de todos os tipos** (deslocados interna e externamente), **migrantes forçados ou provenientes de países afetados por graves conflitos**.

Estamos perante um conjunto de fatores que se podem revelar bastante desvantajosos num futuro próximo: com a provável diminuição dos fluxos de ajuda internacional, dos financiamentos e patrocínios de doadores privados e filantrópicos, dos recursos públicos disponíveis em cada país, acrescentando a própria diminuição de recursos ao nível das instituições de ensino superior, com a previsível redução de propinas arrecadadas e do número de alunos inscritos, todos estes produzirão efeitos negativos mutuamente reforçados e irão moldar uma conjuntura extremamente difícil nos próximos anos para as gerações mais jovens (BMGF, 2020). O limitado suporte social que essas populações recebem, contribuem para um maior risco.

Para além do ensino à distância, há que **repensar o que realmente importa na educação**. Ainda antes da pandemia, os sistemas escolares já se encontravam desconectados das realidades e das necessidades dos alunos (Aucejo et al, 2020; Viner et al, 2020). Medidas de suporte pedagógico e de apoio psicológico, que em alguns contextos escolares e universitários já existiam (embora muito carentes de recursos humanos especializados) têm que continuar e mesmo aumentar. **Assegurar o bem-estar e saúde mental de alunos e professores** é uma necessidade fundamental. Este aspeto é reforçado pela prevalência das perturbações mentais e outros problemas de comportamento que, até ao início da disseminação da pandemia, afetavam 1 em cada 5 crianças e adolescentes e que, após esta crise sanitária, terão tendência para aumentar com o número de horas a que os alunos estarão expostos a ecrãs, dos níveis de sedentarismo, da ansiedade e da abrupta alteração nos seus modos de socialização.

Importante também será **repensar o papel dos professores/formadores**, das suas necessidades de adaptação e evolução das suas competências profissionais, de acordo com as premissas de aprendizagem ao longo da vida (*long life-earning*) bem como da continuidade de conteúdos educativos junto dos estudantes, através de uma **combinação de aulas** na modalidade de ***e-learning*** (ensino somente *online*) e/ou de ***b-learning*** (combinação de ensino presencial e *online*), com o intuito de ajudar os estudantes a procurarem planos alternativos, seja de casa ou outros espaços, para maximizarem as experiências, através da criação de sistemas de ensino cada vez mais eficientes e eficazes e em parceria com outras instituições educativas e tecnológicas (ILO, 2020b; OECD, 2020a, 2020c).

A **sustentabilidade** tem sido uma outra matéria que está na ordem do dia, onde já não mais podemos desresponsabilizarmo-nos da obrigatoriedade que temos de deixar às gerações vindouras um futuro num mundo melhor. O conhecimento que existe hoje aliado à tecnologia

disponível já não nos permite continuar a justificar determinadas práticas que não são mais compatíveis com comportamentos que comprometam as próximas gerações.

No Relatório Anual dos "Goalkeepers" (BMGF, 2020), datado de setembro de 2020, concluíram que os danos económicos causados pela pandemia reforçaram as desigualdades e as injustiças, interrompendo os progressos dos objetivos globais em curso que, em apenas 25 semanas, a **Humanidade chegou a recuar 25 anos**, comprometendo toda a nossa evolução e a progressão a que ainda temos que chegar, se queremos alcançar uma equidade global.

Não podemos, contudo, descurar o **potencial de risco de suicídio** de alguns indivíduos mais vulneráveis, perante todas estas diversidades de fatores e de outras agravantes, que terão que ser levadas em conta neste contexto atual mas também num futuro próximo: características demográficas e socioculturais, o funcionamento e as estratégias dos serviços públicos de saúde e de educação, a possibilidade de atendimento e de auxílio à distância, situações de conflitos e de violência, migrantes e refugiados, excesso de desinformação e o estigma provocado pela doença, especialmente nos territórios onde as adversidades socioeconómicas são maiores.

Nunca será demais lembrar que “a educação, alojamento, emprego e assistência médica, incluindo o acesso a apoio psicossocial, não são apenas direitos mas também uma ajuda para facilitar a inclusão social das/os jovens e ajudar a reduzir o seu risco de exposição à violência, exploração e abuso, incluindo a violência baseada no género e a discriminação” (Conselho Europeu, 2019).

Num ponto, todos os estudos, artigos e relatórios apresentados foram unânimes: **o impacto desta pandemia, nos adolescentes e nos jovens, revelou-se profundo e desproporcionado** pelo que se revela de extrema importância que os governos procurem antecipar este impacto, pela criação e aplicação de **medidas de mitigação e recuperação**, tanto no seio de diferentes grupos etários como entre eles, para **evitar o agravamento das atuais desigualdades e das injustiças**.

## **5. Conclusões**

O principal objetivo deste trabalho foi fazer uma revisão e análise da literatura recente sobre esta (ainda) tão presente temática: o impacto da pandemia nos adolescentes e nos jovens.

Ao longo desta tese, uma ideia perseguiu-nos e esteve presente em todas as dimensões estudadas e analisadas: a necessidade de prevenção e de intervenção precoce. Precisamos delas, para ontem! Mas também nos permitiu refletir sobre um ponto que nos parece ser inequívoco: a experiência sem precedentes desta crise está a levar-nos a procurar entender o significado de viver globalmente interligados e relembrar-nos que, afinal, não existem questões e ações isoladas ou desagregadas, porque realmente fazemos parte do mesmo todo e precisamos todos uns dos outros.

### **5.4. Limitações**

No presente trabalho, a nossa principal limitação foi o alcance do próprio tema COVID-19, em toda a sua abrangência e quantidade de matérias que não páram de surgir, com uma cadência diária, intensificando-se sobretudo a partir de outubro de 2020. Dada a crescente produção científica de estudos e investigações, quer nacionais como internacionais, qualitativos e quantitativos, de cariz científico e social, entre outros, desafiante foi a tarefa de selecionar de entre estes os mais adequados para o nosso trabalho, sobre este novo vírus e o seu impacto em tudo e todos nós, com especial enfoque na juventude.

Este tema, que se tornou dominante nas nossas vidas, mereceu e vai continuar a merecer toda a nossa atenção e dedicação ao longo dos próximos anos, devido à extensão das suas repercussões, em particular nos adolescentes e jovens, pois continua a desafiar a nossa capacidade de resiliência e de gestão de várias crises em simultâneo, algumas delas ainda de todo conhecidas e que, ao que parece, ainda longe de serem efetivamente descodificadas e resolvidas.

### **5.5. Estudos Futuros – quais os próximos desafios?**

A presente revisão de literatura permitiu-nos apontar diversas sugestões para o desenvolvimento de investigações futuras. Primeiramente, revela-se de extrema importância a

continuidade e o aprofundamento de muitos destes estudos e investigações em curso de modo a que, futuramente, se continue a analisar, a correlacionar e a associar, transversal e longitudinalmente, o impacto desta crise nos mais diversos sectores e dimensões associadas.

Será, igualmente, importante recorrer à combinação de metodologias quantitativas e qualitativas: por um lado, através de metodologias quantitativas, que se possa trabalhar com amostras de maiores dimensões e representativas desta população específica; por outro lado, mediante metodologias qualitativas, poder-se-á aprofundar, enriquecer e explicar/compreender a informação recolhida por via da metodologia quantitativa sobre o impacto desta pandemia, uma vez que, por exemplo, ainda não sabemos que especialidades científicas vão ser necessárias no futuro, para responder a outras crises como esta, sejam elas sanitárias, humanitárias, económicas ou ambientais.

As oportunidades que se apresentam para a prosperidade económica, para o progresso social e florescimento individual, após esta experiência pandémica, são enormes mas dependem da capacidade e envolvimento de todas as partes interessadas para promoverem a reforma ou a progressão dos sistemas vigentes. Estes passam pela educação e formação, pela alavancagem das políticas públicas e do mercado de trabalho, de novas abordagens médico-científicas e empresariais que potenciem o desenvolvimento de novas competências e aptidões, de alternativas profissionais e de condições laborais, apostando na promoção de uma economia verdadeiramente circular, orientada para o futuro (Ford, 2020).

Creemos que seja fundamental aproveitar este momento de adversidade para reforçar competências e saberes adquiridos, pela promoção da literacia em saúde (física e mental) e do autocuidado, através de progressivas implementações de práticas digitais cada vez mais aplicadas em contextos de saúde, que precipitaram rápidos ajustes e mudanças durante esta crise de saúde pública, tais como a telemedicina ou as consultas *online*, integrando alguns atos médicos e psicológicos, de forma digital e não presencial. Porém, importa garantir a segurança destas práticas bem como a proteção de dados dos profissionais e dos utentes, para que todos possam estar mais salvaguardados na utilização das plataformas disponíveis para estes atos (Bashshur et al., 2016).

Os fatores de risco de solidão e isolamento nos adolescentes e jovens, a forma como surgem e se perpetuam ou agudizam na saúde física e mental, são distintos de outros grupos etários, com transições de vida, adversidades sociais, estigmas e discriminações suscetíveis de desempenharem resultados bastante diferenciados nas suas vidas. Será importante envolver especialistas na compreensão e abordagem das necessidades em cada fase do desenvolvimento, com o intuito de se desenvolverem intervenções mais ajustadas às idades (Brooks et al, 2020;

Qualter et al., 2015, cit. in Pitman, Mann, & Johnson, 2018). Há que delinear uma abordagem mais proactiva no rastreio e oferta de estratégias de gestão adequadas para a saúde em geral, mas com um decisivo destaque na saúde mental, essencial para ajudar a reconstruir a resiliência mental e a inteligência emocional, durante a transição de todos após esta crise de saúde pública, nomeadamente da nossa juventude (Cardenas, Bustos, & Chakraborty, 2020). Será crucial a necessidade de prepararmos e recrutarmos mais profissionais de saúde, bem como de mais profissionais de apoio psicológico e de intervenção em crise, para os cuidados de saúde primários, para os estabelecimentos de ensino e de formação, para as famílias e para as empresas. De outra forma, a carga social e económica da doença mental num futuro próximo, será tremenda.

Importa rever os principais problemas que a Educação de hoje inclui, como elevados índices de segregação socioeconómica, de abandono e de insucesso escolar, redes de partilha e de colaboração culturais deficitárias, salas de aula sobrelotadas que dificultam a educação de qualidade e, sobretudo, currículos obsoletos e desadequados da realidade e do futuro. Importa refletir como estas circunstâncias vieram subitamente “impor” a oportunidade ou a necessidade do EAD, pelo que a preparação ou treino de professores e de alunos obriga-nos a analisar e avaliar melhor quais as mais-valias deste formato ensino-aprendizagem *online*, que pode ser cada vez mais desenvolvido, adaptado e implementado doravante, acompanhando a revolução digital já em curso (Clemens et al., 2020; ILO, 2020a; OECD, 2020c). E, tal como é necessário para a saúde mental, também a educação precisa de reforço em termos de intervenção precoce e de mais estratégias de educação não formal, no processo educativo e nas políticas da juventude.

Importa, de igual modo, repensar sobre a nova era do mercado de trabalho, as dinâmicas de teletrabalho e as profissões emergentes, perante o exponencial crescimento das novas tecnologias e da necessidade de novas práticas e de novos perfis profissionais. A título de exemplo, um enorme desafio que o mundo enfrenta na área da Emprego é que, e ainda segundo o relatório dos “Goalkeepers” (BMGF, 2020) estimam que, até 2050, o número de jovens que entram no mercado de trabalho em África excederá o do resto do mundo, em conjunto, como vimos anteriormente. O esforço e o potencial destes jovens representam uma oportunidade incrível para África, mas também para todo o mundo; todavia, se estes jovens forem novamente negligenciados por toda a comunidade internacional, isto implicará mais desigualdades sociais e riscos de segurança global, corrompendo com todos os progressos cruciais feitos no sentido de alcançar os objetivos de desenvolvimento mundial sustentável previsto até 2030, pelo que interessa estudar e investigar que meios e/ou recursos preventivos e interventivos podemos

executar até lá.

No que diz respeito a futuras considerações para prevenção e intervenção, em tese, os resultados deste trabalho de investigação pretendem apelar para uma séria reflexão sobre as mudanças urgentes e necessárias que queremos ver acontecer. Lamentavelmente, são cada vez mais os adolescentes e jovens que voltam as costas às sociedades que não compreendem e que não os integram, pondo em causa os seus modelos, valores e referências, adotando condutas de desrespeito total ou mesmo de evasão, na expectativa de descobrirem um tipo de vida longe da multidão alienada dos adultos, encontrando refúgio na delinquência ou no consumo de substâncias anestésicas, renunciando aos compromissos mas, por vezes mais preocupante ainda, renunciando à sua própria existência.

Parafraseando Branquinho et al. (2020) esperamos, com este trabalho, que a informação disponibilizada possa colaborar para a reflexão sobre as medidas e ações emergentes “educativas e de saúde, na mitigação dos efeitos negativos nos adolescentes e jovens, mas também para a consciencialização da capacidade desta geração em participar nos assuntos que os afetam” (p. 631).

Os nossos votos vão para que os próximos tempos nos tragam mais práticas baseadas nas evidências reais, com cidadãos e decisores mais conscientes do impacto das suas decisões, para políticas públicas mais eficazes, para comunidades mais participativas e para sociedades mais humanizadas, que implique uma especial atenção para sustentabilidade do nosso planeta e consciência da nossa pegada ecológica. Mas, em particular, desejamos que os adolescentes e jovens de hoje possam ressignificar o mundo e prevenir novos desequilíbrios no futuro, construindo pontes para novos debates, envolvendo-se no desenvolvimento de políticas e nas tomadas de decisão para o processo de recuperação, através da demanda de novas soluções e respostas alternativas para os problemas que (n)os assolam, consequentes com o futuro que todos queremos.

## Referências

ATTREE, P. (2006). “The Social Costs of Child Poverty: A Systematic Review of the Qualitative Evidence”. *Children & Society*, 20(1), p. 54–66. Acedido a 5 de maio de 2020 em <https://doi.org/10.1002/CHI.854>.

AZEVEDO, A. & Matos, A. P. (2014). “Suicidal ideation and depressive symptomatology in adolescents”. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(1), p. 179-190. Acedido a 3 de junho de 2020 em <https://dx.doi.org/10.15309/14psd150115>.

BASHSHUR, R. L., Shannon G. W., Bashshur N. & Yellowlees, P. M. (2016). “The empirical evidence for telemedicine interventions in mental disorders”. *Telemedicine Journal E-Health*, 22(2), p. 87-113. Acedido a 14 de outubro de 2020 em <https://dx.doi.org/10.1089%2Ftmj.2015.0206>.

BAVEL, J., Baicker, K., Boggio, P. S., Capraro, V., Cichocka, A., Cikara, M., Crockett, M. J., Crum, A. J., Douglas, K. M., Druckman, J. N., Drury, J., Dube, O., Ellemers, N., Finkel, E. J., Fowler, J. H., Gelfand, M., Han, S., Haslam, S. A., Jetten, J., Kitayama, S., (...) & Willer, R. (2020). “Using social and behavioural science to support COVID-19 pandemic response”. *Nature human behaviour*, 4(5), p. 460-471. Acedido a 15 de junho de 2020 em <https://doi.org/10.1038/s41562-020-0884-z>.

BIEBEL, K., Mizrahi, R., & Ringeisen, H. (2018). “Postsecondary students with psychiatric disabilities identify core services and key ingredients to supporting education goals”. *Psychiatric Rehabilitation Journal*, 41(4), p. 299-301. Acedido a 9 de agosto de 2020 em <https://doi.org/10.1037/prj0000280>.

BRITO, R. & Dias, P. (2019). “Crianças, famílias e tecnologias. Que desafios? Que caminhos?”. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais. Acedido a 14 de maio de 2020 em <https://doi.org/10.34629/ipl/eselx/ebook.002>.

CAMILO, C. & Garrido, M. V. (2019). A revisão sistemática de literatura em psicologia: Desafios e orientações. *Análise Psicológica*, 37(4), p. 535-552. Acedido a 21 de julho de 2020 em <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1546>.

CARRILHO, M. J. (2015). Crianças e Adolescentes em Portugal – artigo 4º. *Revista de Estudos Demográficos*. Lisboa: INE, Nº 55, p. 53-101. Acedido a 9 de abril de 2020 em <https://www.ine.pt/xurl/pub/224830908>.

CNS (2019). “Sem mais tempo a perder – Saúde mental em Portugal: um desafio para a próxima década”. *Conselho Nacional de Saúde*. Lisboa. Acedido a 2 de setembro de 2020 em <http://www.cns.min-saude.pt/2019/12/16/sem-mais-tempo-a-perder-saude-mental-em-portugal-um-desafio-para-a-proxima-decada/>.

CONSELHO EUROPEU (2019). Recomendação CM/REC, 2019 (4) – adotada pelo Comité de Ministros do Conselho da Europa, a 24 de abril de 2019. Acedido a 5 de outubro de 2020 em <https://rm.coe.int/recomendacao-cm-2019-4-apoio-a-jovens-refugiados-pdf/16809a41d44>.

CHRISTENS, B. D., & Dolan, T. (2011). “Interweaving Youth Development, Community Development, and Social Change Through Youth Organizing”. *Youth & Society*, 43(2), p. 528–548. Acedido a 3 de setembro de 2020 em <https://doi.org/10.1177/0044118X10383647>.

DUAN, L. & Zhu, G. (2020). “Psychological interventions for people affected by the COVID-19 epidemic”. *The Lancet Psychiatry*, 7 (4). Acedido a 3 de agosto de 2020 em [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30073-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30073-0).

FONTES, P. V. (2017). “Juventude, participação política e movimentos sociais: reflexões críticas”. *Teoria & Sociedade*, Belo Horizonte, 25(2), p. 161-175. Acedido a 17 de setembro de 2020 em <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6040>.

FORD, C. A. (2020). “The Journal of Adolescent Health Editor-In-Chief Annual Reflection: A Year of Extraordinary Change”. *Journal of Adolescent Health*, 67(1), p. 1-2. Acedido a 29 de setembro de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.04.005>.

GOLDSCHIMDT, T., Marques, C, & Xavier, M. (2018). “Rede de Referência Hospitalar Psiquiatria da Infância e da Adolescência”. DGS/SNS. Acedido a 15 de maio de 2020 em <https://www.sns.gov.pt/wp-content/uploads/2018/10/RRH-Psiquiatria-da-Infancia-e-da-Adolescence-CC%82ncia-Aprovada-09-10-2018.pdf>

GOSSERIES, A. (2011). “A justiça intergeracional e a metáfora do refúgio de montanha”. *Philosophica* (Lisbon), 38, p. 121-141. Acedido a 13 de novembro de 2020 em <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24254/1/Axel%20Gosseries%20121-141.pdf>.

GUEBUZA, A. (2011). “Juventude: o outro nome do nosso futuro”. Acedido a 18 de dezembro de 2020 em <http://armandoguebuza.blogspot.com/2011/07/juventude-o-outro-nome-do-nosso-futuro.html>.

GUERREIRO, D. F., & Sampaio, D. (2013). “Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa”. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 31(2), p. 213-222. Acedido a 8 de julho de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.rpsp.2013.05.001>.

HINDUJA, S. & Patchin, J. W. (2019). “Connecting Adolescent Suicide to the Severity of Bullying and Cyberbullying”. *Journal of School Violence*, 18(3), p. 333-346. Acedido a 2 de agosto de 2020 em <https://doi.org/10.1080/15388220.2018.1492417>.

KO, C. H., Lin, H. C., Lin, P. C., & Yen, J. Y. (2019). “Validity, functional impairment and complications related to Internet gaming disorder in the DSM-5 and gaming disorder in the

ICD-11”. *The Australian and New Zealand journal of Psychiatry*, 4867419881499. Acedido a 17 de julho de 2020 em <https://doi.org/10.1177/0004867419881499>.

KUPFERSCHMIDT, K. & Cohen, J. (2020). “Race to find COVID-19 treatments accelerates”. *Science*, 367 (6485), p. 1412-1413. Acedido a 17 de maio de 2020 em <https://doi.org/10.1126/science.367.6485.1412>.

LOUREIRO, M. A. (2020). “Famílias Digitais: vidas online, vínculos offline?”. In *Relacionamentos positivos na Família* (p. 149-158). Curitiba, Brasil: Editoria Juruá.

MARTINHO, R. I. H. (2017). “Experiência e percepções dos jovens em programas de prevenção comunitária: um estudo qualitativo”. Tese de Mestrado em Criminologia, Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 17 de setembro de 2020 em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/107590/2/216062.pdf>.

MATOS M., & Social, E. A. (2017). “Comportamentos de Saúde dos Jovens Universitários Portugueses: Relatório do Estudo – Dados Nacionais 2016”. *Aventura Social/FMH: Universidade de Lisboa*. Acedido a 9 de agosto de 2020 em [http://aventurasocial.com/verartigo.php?article\\_id=532](http://aventurasocial.com/verartigo.php?article_id=532).

MIDDLETON, J., Lopes. H., Michelsen. K., & Reid. J. (2020). “Planning for a second wave pandemic of COVID-19 and planning for winter”. *International Journal of Public Health*, 65, p. 1525-1527. Acedido a 23 de setembro de 2020 em <https://doi.org/10.1007/s00038-020-01455-77>.

NOGUEIRA, M. J. C. (2017). “Saúde mental em estudantes do ensino superior: fatores protetores e fatores de vulnerabilidade”. Tese de Doutoramento em Enfermagem, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Universidade de Lisboa, Portugal. Acedido a 7 de setembro de 2020 em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28877/1/ulsd730773\\_td\\_Maria\\_Nogueira.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28877/1/ulsd730773_td_Maria_Nogueira.pdf).

OPSS (2007). “Luzes e sombra: a governação em saúde. Relatório de Primavera 2007”. *Observatório Português dos Sistemas de Saúde*, Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra. Acedido a 27 de junho de 2020 em [https://www.uc.pt/org/ceisuc/Documentos/rp/rp\\_2007.pdf](https://www.uc.pt/org/ceisuc/Documentos/rp/rp_2007.pdf).

ORNELAS, J., Duarte, T., Seixas, T., Jerónimo, J., Martins, A., Matos, C., (...) & Costa, L. (2013). “Liderança comunitária: Estudo colaborativo com dirigentes associativos”. Lisboa: CPCCRD.

ORNELAS, J. & Moniz, M. J. M. (2007). “Parcerias comunitárias e intervenção preventiva”. *Análise Psicológica*, 1(XXV), p. 153-158. Acedido a 14 de setembro de 2020 em <https://doi.org/10.14417/ap.437>

PITMAN, A., Mann, F., & Johnson, S. (2018). “Advancing our understanding of loneliness and mental health problems in young people”. *The lancet. Psychiatry*, 5(12), p. 955–956. Acedido a 15 de agosto de 2020 em [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(18\)30436-X](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(18)30436-X).

ROSA, A. G. S. R. (2018). “Literacia em saúde mental em adolescentes: desenvolvimento de um instrumento de avaliação”. Tese de Doutoramento, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 3 de julho de 2020 em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/113131/2/273824.pdf>.

SILVA, I., Ângelo, J., Santos, F., Lumini, M. J., & Martins, T. (2019). “Satisfação e usabilidade de uma tecnologia de informação e comunicação no ensino de enfermagem: um estudo piloto”. *Revista de Enfermagem Referência*, IV(21), p. 143-150. Acedido a 3 de outubro de 2020 em <https://dx.doi.org/10.12707/RIV19013>.

SOUSA, L. N. (2017). “Ensino politécnico, empreendedorismo e transição para o trabalho”. *Sociologia* (temático 7), p. 75-99. Acedido a 3 de outubro de 2020 em <https://dx.doi.org/10.21747/08723419/soctem2017a4>.

TOGNOTTI, E. (2013). “Lessons from the history of quarantine, from plague to influenza A”. *Emerging infectious diseases*, 19(2), p.254–259. Acedido a 15 de Maio de 2020 em <https://doi.org/10.3201/eid1902.120312>.

UNODC - (2020). “World Drug Report 2020 - Booklet 2”. *United Nations Office on Drugs and Crime Publications*, Sales No. E.20.XI.6. Acedido a 13 de setembro de 2020 em [https://wdr.unodc.org/wdr2020/field/WDR20\\_Booklet\\_2.pdf](https://wdr.unodc.org/wdr2020/field/WDR20_Booklet_2.pdf)

WHO (1986). “Young People's Health - a Challenge for Society”. *World Health Organization - Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731*. Acedido a 7 de maio de 2020 em <https://apps.who.int/iris/handle/10665/41720>.

WHO (2001). “Relatório Mundial da Saúde - Saúde Mental: nova conceção, nova esperança”. *World Health Organization*. Acedido a 7 de maio de 2020 em [https://www.who.int/whr/2001/en/whr01\\_po.pdf](https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_po.pdf)

WHO (2003). “Caring for children and adolescents with mental disorders: setting WHO directions”. *World Health Organization*. Acedido a 7 de maio de 2020 em <https://apps.who.int/iris/handle/10665/42679>.

WHO (2019). “Suicide in the world – global health estimates”. *World Health Organization*. Acedido a 7 de maio de 2020 em <https://www.who.int/healthinfo/paper31.pdf>.

WHO (2020a). “Coronavirus disease 2019 (COVID-19): situation report – 78”. *World Health Organization*. Acedido a 2 de abril de 2020 em [http://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200407-sitrep-78-covid-19.pdf?sfvrsn=bc43e1b\\_2](http://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200407-sitrep-78-covid-19.pdf?sfvrsn=bc43e1b_2).

WHO (2020b). “Rolling updates on coronavirus disease (COVID-19)”. *World Health Organization*. Acedido a 2 de abril de 2020 em <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/events-as-they-happen>.

YEN, J. Y., Liu, T. L., Wang, P. W., Chen, C. S., Yen, C. F., & Ko, C.H. (2017). “Association between Internet gaming disorder and adult attention deficit and hyperactivity disorder and their correlates: Impulsivity and hostility”. *Addictive Behaviors*, 64, p. 308-313. Acedido a 17 de julho de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2016.04.024>.

## Referências da Revisão da Literatura

ANDREWS, J. L., Ahmed, S. & Blakemore, S.-J. (2020). “Navigating the Social Environment in Adolescence: The Role of Social Brain Development”. *Biological Psychiatry*, 89(2), p. 109-118. Acedido a 30 de novembro de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2020.09.012>.

AUCEJO, E. M., French, J., Araya, M. P. U. & Zafar, B. (2020). "The Impact of COVID-19 on Student Experiences and Expectations: Evidence from a Survey". *National Bureau of Economic Research*, Working Paper nr. 27392. Acedido a 5 de julho de 2020 em <http://www.nber.org/papers/w27392>.

BMGF (2020). “The COVID-19: a global perspective”. The 2020 Goalkeepers Report. *Bill & Melinda Gates Foundation*. Acedido a 30 de setembro de 2020 em <https://www.gatesfoundation.org/goalkeepers/report/2020-report/#GlobalPerspective>.

BRANQUINHO, C., Kelly, C., Arevalo, L. C., Santos, A. C., & Matos, M. G. (2020). “Hey, we also have something to say”: A qualitative study of Portuguese adolescents’ and young people’s experiences under COVID-19. *Journal of Community Psychology*, 48(8), p. 2740-2752. Acedido a 1 de outubro de 2020 em <https://doi.org/10.1002/jcop.22453>.

BROOKS, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenburg, N., & Rubin, G. J. (2020). “The Psychological Impact of Quarantine and How to Reduce It: Rapid Review of the Evidence”. *The Lancet*; 395, p. 912-920. Acedido a 3 de setembro de 2020 em [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30460-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30460-8/fulltext).

CAO, W., Fang, Z., Hou, G., Han, M., Xu, X., Dong, J., & Zheng, J. (2020). “The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China”. *Psychiatry Research*, 287, 112934. Acedido a 19 de maio de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112934>.

CARDENAS, M. C., Bustos, S. S., & Chakraborty, R. (2020). “A ‘parallel pandemic’: The psychosocial burden of COVID-19 in children and adolescents.” *Acta Paediatrica*, 109(11), p. 2187-2188. Acedido a 26 de outubro de 2020 em <https://doi.org/10.1111/apa.15536>.

CAYLEY, O., Macleod, R., Hamilton, R. & Guereca, C. B. (2020). “Listening to Covid-19’s - Lost Generation: Insights from Our Global Youth Survey”. *Tony Blair Institute for Global Change*. Acedido a 30 de setembro de 2020 em <https://institute.global/advisory/listening-covid-19s-lost-generation-insights-our-global-youth-survey>.

CLEMENS, V., Deschamps, P., Fegert, J. M., Anagnostopoulos, D., Bailey, S., Doyle, M., (...) & Jacobs, B. (2020). “Potential effects of social distancing measures and school lockdown on child and adolescent mental health”. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 29, p. 739-742. Acedido a 23 de setembro de 2020 em <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01549-w>

COHEN, R. S. & Bosk, E. A. (2020). “Vulnerable Youth and the COVID-19 Pandemic”. *Pediatrics*, 146 (1), p. 1-3. Acedido em 18 agosto de 2020 em <https://doi.org/10.1542/peds.2020-1306>.

CORBERA, E., Anguelovski, I., Honey-Rosés, J. & Ruiz-Mallén, I. (2020). “Academia in the Time of COVID-19: Towards an Ethics of Care”. *Planning Theory & Practice*, 21 (2), p.191-199. Acedido a 6 de setembro de 2020 em <https://doi.org/10.1080/14649357.2020.1757891>.

COURTNEY, D., Watson, P., Battaglia, M., Mulsant, B. H., & Szatmari, P. (2020). “COVID-19 Impacts on Child and Youth Anxiety and Depression: Challenges and Opportunities”. *Canadian Journal of Psychiatry*, 65(10), p. 688-691. Acedido em 23 de agosto de 2020 em <https://doi.org/10.1177/0706743720935646>.

DELOITTE, (2020). “The Deloitte Global Millennial Survey 2020”. *Deloitte*. Acedido a 2 de setembro de 2020 em <https://www2.deloitte.com/global/en/pages/about-deloitte/articles/millennialsurvey.html>.

EFEVBERA, Y., Haj-Ahmed, J., Lai, J., Hainsworth, G., Levy, M., Sirivansanti, N., Winnie, A., Zurak, M., & Petroni, S. (2020). “Multisectoral Programming for Adolescent Health and Well-being in Sub-Saharan Africa - Insights From a Symposium Hosted by UNICEF and the Bill & Melinda Gates Foundation”. *The Journal of adolescent health: official publication of the Society for Adolescent Medicine*, 67(1),p. 24–25. Acedido a 13 de novembro de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.04.007>.

FEGERT, J. M., Vitiello, B., Plener, P. L. & Clemens, V. (2020). “Challenges and burden of the Coronavirus 2019 (COVID-19) pandemic for child and adolescent mental health: a narrative review to highlight clinical and research needs in the acute phase and the long return to normality”. *Child Adolescent Psychiatry Mental Health*, 14, 20. Acedido a 25 de novembro em <https://doi.org/10.1186/s13034-020-00329-3>.

FIGUEIREDO, C. S., Sandre, P. C., Portugal, L. C. L., Mázala-de-Oliveira, T., Silva Chagas, L., Raony, Í., (...) & Bomfim, P. O. S. (2020). “COVID-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors”. *Progress in Neuro-Psychopharmacology and Biological Psychiatry*, 110171. Acedido a 28 de novembro de 2020

em <https://doi.org/10.1016/j.pnpbp.2020.110171>.

GABRIELLI, J. & Lund, E. (2020). “Acute-on-chronic stress in the time of COVID-19: assessment considerations for vulnerable youth populations”. *Pediatric Research*. Acedido a 2 de setembro de 2020 em <https://doi.org/10.1038/s41390-020-1039-7>.

GLOBAL SHAPERS LISBON (2020). “50 Medidas para um Debate Intergeracional de fundo na Sociedade Portuguesa Pós COVID-19”. *100 Oportunidades* ([www.100oportunidades.pt](http://www.100oportunidades.pt)). Acedido em 3 de setembro de 2020 em <https://www.100oportunidades.pt/wp-content/uploads/2020/05/50-Medidas-para-um-Debate-Intergeracional-de-fundo-na-Sociedade-Portuguesa-po%CC%81s-COVID-19-Global-Shapers-Lisbon-100-Oportunidades.pdf>.

GOLBERSTEIN, E., Wen, H., & Miller, B. F. (2020). “Coronavirus disease 2019 (COVID-19) and mental health for children and adolescents”. *JAMA Pediatrics*, 174(9), p. 819–820. Acedido a 3 de outubro de 2020 em <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2020.1456>.

GUNNELL, D., Appleby, L., Arensman, E., Hawton, K., John, A., Kapur, N., (...) & Chan, L. F. (2020). “Suicide risk and prevention during the COVID-19 pandemic”. *The Lancet Psychiatry*, 7(6), p. 468-471. Acedido a 13 de julho de 2020 em [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30171-1](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30171-1).

GUSTAFSSON, M. (2020). “Young workers in the coronavirus crisis. Findings from the Resolution Foundation’s coronavirus survey”. *Resolution Foundation*. Acedido a 6 de julho de 2020 em <https://www.resolutionfoundation.org/publications/young-workers-in-the-coronavirus-crisis/>.

HASAN, N., & Bao, Y. (2020). “Impact of “e-Learning crack-up” perception on psychological distress among college students during COVID-19 pandemic: A mediating role of “fear of academic year loss”. *Children and Youth Services Review*, 118, 105355. Acedido a 8 de novembro de 2020 em [www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0190740920312901](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0190740920312901).

HRW (2020). “Dimensões de Direitos Humanos na resposta à COVID-19”. *Human Rights Watch*. Acedido a 6 de setembro de 2020 em <https://www.hrw.org/pt/news/2020/03/23/339654>.

ILO (2020a). “Global Employment Trends for Youth 2020: Technology and the future of jobs”. *International Labour Office*. Acedido a 6 de setembro de 2020 em [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms\\_737648.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_737648.pdf).

ILO (2020b). “Youth and COVID-19: impacts on jobs, education, rights and mental well-being - survey report 2020”. *International Labour Office*. Acedido a 6 de setembro de 2020 em [https://www.ilo.org/global/topics/youth-employment/publications/WCMS\\_753026/lang-en/index.htm](https://www.ilo.org/global/topics/youth-employment/publications/WCMS_753026/lang-en/index.htm)

IMRAN, N., Aamer, I., Sharif, M. I., Bodla, Z. H., & Naveed, S. (2020). “Psychological burden of quarantine in children and adolescents: A rapid systematic review and proposed solutions”. *Pakistan journal of medical sciences*, 36(5), p. 1106–1116. Acedido a 6 de outubro de 2020 em <https://doi.org/10.12669/pjms.36.5.3088>.

KAZLAUSKAS, E., & Quero, S. (2020). “Adjustment and coronavirus: How to prepare for COVID-19 pandemic-related adjustment disorder worldwide?”. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 12(S1), p. S22-S24. Acedido a 23 de setembro de 2020 em <http://dx.doi.org/10.1037/tra0000706>.

KO, C. H., & Yen, J. Y. (2020). “Impact of COVID-19 on gaming disorder: monitoring and prevention”. *Journal of behavioral addictions*, 9(2), p.187-189. Acedido a 30 de setembro de 2020 em <https://akjournals.com/view/journals/2006/9/2/article-p187.xml>.

LENT, J. (2020). “Coronavirus spells the end of the neoliberal era. What’s next?”. *Open Democracy*, 12 April 2020. Acedido a 5 de novembro de 2020 em <https://www.opendemocracy.net/en/transformation/coronavirus-spells-the-end-of-the-neoliberal-era-whats-next/>.

LIU, N., Zhang, F., Wei, C., Jia, Y., Shang, Z., Sun, L., Wu, L., Sun, Z., Zhou, Y., Wang, Y., & Liu, W. (2020). “Prevalence and predictors of PTSS during COVID-19 outbreak in China hardest-hit areas: Gender differences matter”. *Psychiatry research*, 287, 112921. Acedido a 18 de julho de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112921>.

LOADES, M. E., Chatburn, E., Higson-Sweeney, N., Reynolds, S., Shafran, R., Brigden, A.,(...) & Crawley, E. (2020). “Rapid Systematic Review: The Impact of Social Isolation and Loneliness on the Mental Health of Children and Adolescents in the Context of COVID-19”. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 59(11), p. 1218-1239. Acedido a 10 de novembro de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2020.05.009>.

MAGALHÃES, P. C., Gouveia, R., Costa-Lopes, R., & Silva, P. A. E. (2020a). “O Impacto Social da Pandemia - Estudo ICS/ISCTE Covid-19” de abril de 2020. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Instituto Universitário de Lisboa. Acedido a 15 de julho de 2020 em <https://www.ics.ulisboa.pt/docs/RelatorioInqueritoICSISCTE.pdf>.

MAGALHÃES, P. C., Gouveia, R., Costa-Lopes, R., & Silva, P. A. E. (2020b). “O Impacto Social da Pandemia, Estudo ICS/ISCTE Covid-19: Dados da 2ª vaga. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Instituto Universitário de Lisboa. Acedido a 30 de setembro de 2020 em <http://hdl.handle.net/10451/44611>.

OECD (2020a). “Coronavirus school closures: What do they mean for student equity and inclusion?”. *Organisation for Economic Co-operation and Development*. Acedido a 6 de julho de 2020 em <https://oecdeditoday.com/coronavirus-school-closures-student-equity-inclusion/>.

OECD (2020b). “Youth and COVID-19: Response, recovery and resilience”. *Organisation for Economic Co-operation and Development*. Acedido a 6 de julho de 2020 em <http://www.oecd.org/coronavirus/policy-responses/youth-and-covid-19-response-recovery-and-resilience-c40e61c6/#biblio-d1e1597>.

OECD (2020c). “Schooling disrupted, schooling rethought: How the Covid-19 pandemic is changing education”. *Organisation for Economic Co-operation and Development*. Acedido a 9 de agosto de 2020 em [https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=133\\_133390-1rtuknc0hi&title=Schooling-disrupted-schooling-rethought-How-the-Covid-19-pandemic-is-changing-education](https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=133_133390-1rtuknc0hi&title=Schooling-disrupted-schooling-rethought-How-the-Covid-19-pandemic-is-changing-education).

ORBEN, A., Yomova, L. & Blakemore, S. J. (2020). “The effects of social deprivation on adolescent development and mental health”. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 4(8), p. 634-640. Acedido a 8 de agosto de 2020 em [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30186-3](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30186-3).

OOSTERHOFF, B., Palmer, C. A., Wilson, J., & Shook, N. (2020). “Adolescents' Motivations to Engage in Social Distancing During the COVID-19 Pandemic: Associations with Mental and Social Health”. *The Journal of adolescent health: official publication of the Society for Adolescent Medicine*, 67(2), p. 179-185. Acedido a 13 de outubro de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.05.004>

RUDICK, C. K. & Dannels, D. P. (2020) “Yes, and...” continuing the scholarly conversation about pandemic pedagogy”. *Communication Education*, 69(4), p. 540-544. Acedido a 13 de outubro de 2020 em <https://doi.org/10.1080/03634523.2020.1809167>.

SÃO JOÃO, R. M. V. & Galinha, S. A. (2020). “Estudo de Avaliação Global da assertividade dos estudantes no início do período de confinamento Covid-19”. Edição Temática: Ciências Sociais e Humanas. *Revista da UI IP Santarém*, 8(2), p. 69-80. Acedido a 15 de setembro em <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/20667>.

SON, C., Hegde, S., Smith, A., Wang, X., & Sasangohar, F. (2020). “Effects of COVID-19 on College Students' Mental Health in the United States: Interview Survey Study”. *Journal of medical Internet research*, 22(9), 21279. Acedido a 5 de outubro de 2020 em <https://doi.org/10.2196/21279>.

TOMOVA, L., Wang, K.L., Thompson, T., Matthews, G.A., Takahashi, A., Tye K. & Saxe, R. (2020). “Acute social isolation evokes midbrain craving responses similar to hunger”. *Nature Neuroscience*, 23, p. 1597-1605. Acedido a 23 de novembro de 2020 em <https://doi.org/10.1038/s41593-020-00742-z>.

VINER R. M., Russell, S. J., Croker, H., Packer, J., Ward, J., Stansfield, C.,(...) & Booy, R. (2020). “School closure and management practices during coronavirus outbreaks including COVID-19: a rapid systematic review”. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 4(5), p. 397-404. Acedido a 7 de maio de 2020 em [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30095-X](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30095-X).

WHO - Regional Office for Europe (2020c). “The rise and rise of interpersonal violence – an unintended impact of the COVID-19 response on families”. *World Health Organization*. Acedido a 7 de outubro de 2020 em <https://www.euro.who.int/en/health-topics/disease-prevention/violence-and-injuries/news/news/2020/6/the-rise-and-rise-of-interpersonal-violence-an-unintended-impact-of-the-covid-19-response-on-families>.

WITT A., Ordóñez, A., Martin, A., Vitiello B. & Fegert, J. M., (2020). “Child and adolescent mental health service provision and research during the Covid-19 pandemic: challenges, opportunities, and a call for submissions”. *Child Adolescent Psychiatry Mental Health*, p. 14-19. Acedido a 7 de julho de 2020 em <https://doi.org/10.1186/s13034-020-00324-8>.

WORK, P. O. Y. (2020). “Research Project on the impact of the Corona Pandemic on youth work in Europe (RAY-COR) - Literature review, snapshot 1”. *Research Youth*. Acedido a 28 de novembro de 2020 em [https://www.researchyouth.net/wp-content/uploads/2020/09/RAY-COR\\_Initial-Survey\\_Key-Findings\\_20200814.pdf](https://www.researchyouth.net/wp-content/uploads/2020/09/RAY-COR_Initial-Survey_Key-Findings_20200814.pdf).

ZHAI, Y. & Du, X. (2020). “Addressing collegiate mental health amid COVID-19 pandemic”. Letter to the Editor, *Psychiatry Research*, 288. Acedido a 23 de maio de 2020 em <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.11300>.

**Anexos: Quadros dos relatórios da revisão de literatura para as 3 categorias temáticas**

**Quadro 1b – Categorização de Relatórios quanto ao mês de publicação, autores, título, fonte, país e amostra para a dimensão da Educação e Emprego**

Relatório nº	Mês	Autores	Título	Fonte	País	Amostra
1	março	ILO (a)	Global Employment Trends for Youth 2020: Technology and the future of jobs	International Labour Office (ILO)	Suíça	----
2	abril	OECD (a)	Coronavirus school closures: What do they mean for student equity and inclusion?	OECD	França	----
3	maio	Gustafsson	Young workers in the coronavirus crisis - findings from the Resolution Foundation's coronavirus survey	Resolution Foundation	Reino Unido	----
4	junho	Deloitte	Deloitte Global Millennial Survey 2020	Deloitte	Reino Unido	8312 jovens entre 15 e 25 anos
5	junho	OECD (b)	Youth and COVID-19: Response, Recovery and Resilience	OECD	França	----
6	julho	OECD (c)	Schooling disrupted, schooling rethought: How the Covid-19 pandemic is changing education	OECD	França	1370 estudantes e professores
7	agosto	ILO (b)	Youth and COVID-19: impacts on jobs, education, rights and mental well-being - survey report 2020	International Labour Office (ILO)	Reino Unido	12000 jovens entre os 18 e os 29 anos
8	agosto	Work	Research Project on the impact of the Corona Pandemic on youth work in Europe (RAY-COR)	Research Youth	Reino Unido	----
9	setembro	Bill & Melinda Gates Foundation	2020 Goalkeepers Report: the COVID-19, a global perspective	Bill & Melinda Gates Foundation	EUA	----

**Quadro 2b - Categorização de Relatórios quanto ao mês de publicação, autores, título, fonte, país e amostra para a categoria das Questões Sociais e Participação Comunitária**

<b>Relatório n°</b>	<b>Mês</b>	<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Fonte</b>	<b>País</b>	<b>Amostra</b>
1	abril	Magalhães et al. (a)	O Impacto Social da Pandemia: Estudo ICS/ISCTE Covid-19	ISCTE	Portugal	1125 jovens dos 16 aos 24 anos (10,4% da amostra total)
2	junho	Magalhães et al. (b)	O Impacto Social da Pandemia: Estudo ICS/ISCTE Covid-19 - Dados da 2ª Vaga	ISCTE	Portugal	78 jovens dos 16 aos 24 anos (9,8% da amostra total)
3	junho	Deloitte	Deloitte Global Millennial Survey 2020	Deloitte	Reino Unido	8312 jovens entre os 17 e os 25 anos

**Quadro 3b - Categorização de Relatórios quanto ao mês de publicação, autores, título, fonte, país e amostra para a categoria da Saúde Mental**

<b>Relatório nº</b>	<b>Mês</b>	<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Fonte</b>	<b>País</b>	<b>Amostra</b>
1	março	Human Rights Watch	Dimensões de Direitos Humanos na resposta à COVID-19	Human Rights Watch	EUA	----
2	abril	Magalhães et al. (a)	O Impacto Social da Pandemia: Estudo ICS/ISCTE Covid-19	ISCTE	Portugal	1125 jovens dos 16 aos 24 anos (10,4% da amostra total)
3	abril	OECD (a)	Coronavirus school closures: What do they mean for student equity and inclusion?	OECD	França	----
4	junho	Magalhães et al. (b)	O Impacto Social da Pandemia: Estudo ICS/ISCTE Covid-19 - Dados da 2ª Vaga	ISCTE	Portugal	78 jovens dos 16 aos 24 anos (9,8% da amostra total)
5	junho	Deloitte	Deloitte Global Millennial Survey 2020	Deloitte	Reino Unido	8312 jovens entre os 15 e 25 anos
6	junho	WHO (c)	The rise and rise of interpersonal violence – an unintended impact of the COVID-19 response on families	WHO	Suíça	----
7	junho	OECD (b)	Youth and COVID-19: Response, Recovery and Resilience	OECD	França	----
8	agosto	ILO (b)	Youth and COVID-19: impacts on jobs, education, rights and mental well-being - survey report 2020	International Labour Office (ILO)	Reino Unido	12000 jovens dos 18 aos 29 anos
9	setembro	Bill & Melinda Gates Foundation	2020 Goalkeepers Report: the COVID-19, a global perspective	Bill & Melinda Gates Foundation	EUA	----
10	setembro	Cayley et al.	Listening to Covid-19's - Lost Generation: Insights from Our Global Youth Survey	Tony Blair Institute for Global Change	Reino Unido	94 indivíduos dos 12 aos 28 anos